

# *Verde Azul*

*Meninice à Beira-mar*



*Manoel Joaquim da Silva Pinto*

Organizadoras

*Fernanda Pacheco da Silva Huguenin*

*Hélvia Pereira Pinto Bastos*

*Rita Maria de Abreu Maia*

## Instituto Federal Fluminense *Campus* Campos - Centro

### Reitora

Cibele Daher Botelho Monterio

### Projeto e Diagramação

Vladimir de Abreu Braga Barbosa

### Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação

Hélio Gomes Filho

### Catálogo

Inez Barcellos Andrade

### Editoras-chefe

Maria Amelia Ayd Correa  
Inez Barcellos Andrade

### Tiragem

500 exemplares

### Revisão de texto

Edinalda Maria Almeida da Silva

### Impressão

Flama Ramos acabamentos e manuseio gráfico Ltda.  
(21) 3977.2650 / 3977.2666  
Fax: 3867.5220  
comercial@improntaexpress.com.br

### Capa

Vladimir de Abreu Braga Barbosa

#### Dados de Catalogação na Publicação (CIP)

P659v Pinto, Manoel Joaquim da Silva  
Verde e azul : meninice à beira-mar / Manoel Joaquim da  
Silva Pinto ; organizadoras Fernanda Pacheco da Silva  
Huguenin, Helvia Pereira Pintos Bastos, Rita Maria de Abreu  
Maia. - Campos dos Goytacazes (RJ): Essentia Editora, 2009.

160 p. : il.

ISBN 85-99968-08-6

1. Poesia - Literatura brasileira. I. Huguenin, Fernanda  
Pacheco da Silva, org. II. Bastos, Helvia Pereira Pinto, org. III.  
Maia, Rita Maria de Abreu, org.

CDD - B869.1

Todos os direitos reservados.

## **Dados biográficos das organizadoras**

### **Fernanda Pacheco da Silva Huguenin**

Bacharel em Ciências Sociais e mestre em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Doutoranda em Antropologia pela Universidade de Brasília (UNB). Possui artigos publicados em revistas acadêmicas e anais de congressos. É colaboradora do jornal Folha da Manhã com a coluna “Antropológicas”. Poeta premiada no FestCampos de Poesia Falada e no “Concurso de Contos, Crônicas e Poemas Antônio Roberto” promovido pela Academia Campista de Letras em maio de 2009, em que obteve o 1º lugar com “A Penitência da Memória”, poema que dialoga com o quadro “A Persistência da Memória” de Salvador Dali.

### **Helvia Pereira Pinto Bastos**

Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia de Campos (Português-Inglês), com Especialização em Linguística Geral e Aplicada (FAFIC / FVG / UNICAMP) e Mestrado em Cognição e

Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, com dissertação sobre o uso de tecnologias digitais no ensino de línguas. É professora do Instituto Federal Fluminense (*campus* Campos dos Goytacazes), atuando nos Cursos Superiores de Tecnologia e na Educação a Distância. Foi presidente da Associação dos Professores de Língua Inglesa do Estado do Rio de Janeiro (APLIERJ, biênio 1996-98). Seus interesses acadêmicos e profissionais encontram-se nos campos da Lingüística Aplicada ao Ensino de Idiomas, Tecnologia Educacional, Ensino de Línguas baseado na Web e Análise do Discurso. Atualmente cursa o Doutorado Interinstitucional (UFRGS / IFF-Campos) em Informática na Educação.

### **Rita Maria de Abreu Maia**

Professora e pesquisadora aposentada do CEFET Campos. Foi coordenadora do Curso de Letras da Universidade Estácio de Sá, em Campos dos Goytacazes, em sua implantação, onde lecionou até 2007. Doutora em Letras Vernáculas pela UFRJ, com estudos na área da Literatura portuguesa. Sua tese de Doutorado voltou-se para a escrita amorosa de mulheres portuguesas, poetas e romancistas. *O amor e a pena feminina* foi defendida na UFRJ, em setembro de 2001. Possui artigos publicados em revistas acadêmicas e foi autora do livro *O rio da minha aldeia*, antologia comentada sobre o Rio Paraíba do Sul, resultado de pesquisas no Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagens (NECEL), no CEFET Campos, hoje Instituto Federal Fluminense (IFF). Com Deneval Siqueira de Azevedo Filho organizou *Livros e idéias - ensaios sem fronteiras*. 1. ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2004. Sua atividade intelectual hoje, residindo em Niterói, volta-se à colaboração em eventos acadêmicos, à escrita de textos críticos e à elaboração de projetos



**Perfil do autor recortado à tesoura.**

Acervo do autor

*Manoéis há por toda parte,  
Joaquim também é comum,  
mas juntos, no verso, na arte  
Manoel Joaquim há só um.*

Alberto Lamego Filho, 1946



*Tio Manoel Joaquim,*

*Você disse uma vez que não poderia escrever um poema para mim porque não existia “gavinha” entre sua alma e a minha. De fato, naqueles anos de juventude, ainda não havia me dado conta da importância de seus papéis e coleções, da força poética de seus escritos e, sobretudo, de todo seu conhecimento de que eu não soube usufruir.*

*Tendo me cabido a guarda de seu acervo, creio que já são muitas as gavinhas que nos unem.*

*A publicação deste livro é meu poema para você.*

*Sua sobrinha,*

*Hélvia*



## **Agradecimentos**

*À Prof<sup>ª</sup>. Maria Amélia Ayd Corrêa, pelo interesse e estímulo constante e inestimável a este projeto durante sua gestão como Editora-chefe da Essentia.*

*Ao Conselho Editorial e ao Instituto Federal Fluminense pela oportunidade de realizar este trabalho.*

*Aos funcionários da Editora Essentia, especialmente ao designer gráfico Vladimir de Abreu B. Barbosa, pelo cuidado e carinho para com nosso livro.*

*A Teresa Pereira Nunes Maciel, Eliza Nunes Maciel, Jorge Renato Pereira Pinto, Lúcia Pinto de Castro Goulart (in memoriam), Joel Ferreira Mello e Celço Cordeiro Filho pelas colaborações que tanto enriqueceram esta edição.*

*A Manoel Joaquim por crer que na poesia habita a perenidade dos seres.*

*As organizadoras desta edição crítica de Verde e Azul*



## Lista de Ilustrações

A casa (foto da capa)	
Perfil do Autor .....	5
Crianças na varanda .....	23
Pasto em frente à Casa .....	41
O Autor em Grussaí .....	46
Notícia de Jornal 1 .....	68
Vovó Iaiá .....	80
Jarro Francês .....	88
O Bule da Bisavó .....	93
Talhas .....	98
Caderno de Receitas .....	101
Pilão e Coador de Mate .....	104
Étager e Louça da Avó .....	107
Notícia de Jornal 2 .....	126



## Sumário

<b>Apresentação</b>	
<i>Hélvia Pereira Pinto Bastos</i> .....	15
<b>Manoel Joaquim da Silva Pinto: dados biográficos</b>	
<i>Jorge Renato Pereira Pinto</i> .....	19
<b>Manoel Joaquim, primo-irmão de minha infância</b>	
<i>Lúcia de Castro Goulart</i> .....	25
<b>Poesia - refúgio de um passado ameno</b>	
<i>Rita Maria de Abreu Maia</i> .....	31
<b>A poesia etnográfica de Manoel Joaquim</b>	
<i>Fernanda Huguenin</i> .....	37
<b>Poesia – possibilidade de reescrita do eu</b>	
<i>Eliza Nunes Maciel</i>	
<i>Tereza Pereira Nunes Maciel</i> .....	43
<b>Manoel Joaquim da Silva Pinto: um legado de diálogo cultural</b>	
<i>Joel Ferreira Mello</i> .....	47
<b>In (compreendido) e amado</b>	
<i>Celço Cordeiro Filho</i> .....	53

<b>Por que Grussaí</b>	
<i>Hélvia Pereira Pinto Bastos</i> .....	57
<b>Carta à Judith</b>	
<i>Manoel Joaquim da Silva Pinto</i> .....	61
<b>Verde e Azul - Meninice à Beira-mar</b>	
<i>Manoel Joaquim da Silva Pinto</i> .....	67
<b>Posfácio</b> .....	143

# *Apresentação*

*Hélvia Pereira Pinto Bastos*

Esta edição de *Verde e Azul (Meninice à Beira-mar)* é a primeira realização do projeto de preservação e resgate do acervo deixado por **Manoel Joaquim da Silva Pinto** – do qual constam, sobretudo, poesia, prosa jornalística, e inúmeros estudos de filologia. Premiada em 1954, em concurso de poesia inédita, promovido pela revista “Letras Fluminenses”<sup>1</sup>, esta “coletânea”, como a definiu Manoel Joaquim, teve alguns de seus versos publicados na imprensa campista e na carioca.

O antigo projeto familiar de se publicar o *Verde e Azul* tornou-se possível com o interesse e incentivo das amigas e co-organizadoras desta edição. Organizar este livro foi experiência prazerosa realizada em muitos encontros de prosa amena e agradável suscitada pelos poemas e pelo caráter singular do poeta.

A necessidade de se fazer uma *edição crítica* deve-se, em parte, ao longo tempo em que esta coletânea permaneceu inédita. As organizadoras consideram que os textos acrescentados nesta

---

<sup>1</sup> No mesmo concurso, Manoel Joaquim inscreveu, com diferentes pseudônimos, outras duas coletâneas de 20 poemas cada (limite regulamentar) – *Alma* e *Cristalizações*.

edição contribuem para esclarecer os leitores (sobretudo os mais jovens) quanto às entrelinhas dos versos, ao espaço inspirador, e à personalidade peculiar do autor.

Manoel Joaquim deixou várias cópias datilografadas, revisadas e comentadas do *Verde e Azul*. A estrutura e a ordem dos textos, utilizadas nesta publicação, seguem a última revisão do autor em 1973, incluindo os Anexos originais. Foram mantidos os retoques, as anotações e glosas feitas por ele na sua constante busca pela forma ideal. As notas de rodapé apresentam, além daquelas constantes dos originais, o levantamento das alterações encontradas nas diversas versões do livro. As organizadoras julgaram pertinente a inclusão de um Posfácio com três escritos de Manoel Joaquim: o poema “É Música” em que o autor explica como seus versos devem ser lidos, a primeira versão para o Intróito usado nesta edição e, por fim, uma carta de 1952 intitulada “Quando, e como me tornei poeta”.

Além de ordenar, numericamente, os sonetinhos, o autor deixou patente seu desejo de que fossem lidos na sequência estabelecida por ele. Na versão manuscrita do livro, Manoel Joaquim fez esta anotação no sonetinho A Casa: “Considero essencial a quem ler que o faça em certa ordem: há uma razão estética para isso.”

Esta edição crítica apresenta comentários que, de forma breve e em linguagem acessível, analisam a riqueza e os segredos contidos nos 33 sonetinhos do *Verde e Azul*. Tais reflexões foram feitas sob três perspectivas diferentes: a *literária* – escrita por Rita Maria de Abreu Maia; a *etnográfica* – feita por Fernanda Huguenin; e a *psicanalítica* – elaborada por Tereza Pereira Nunes Maciel e sua filha Eliza Nunes Maciel.

A esses textos de análise, foram incluídos outros que julgamos esclarecedores da personalidade e da vida de Manoel Joaquim. Colaboraram nessa tarefa, o memorialista Jorge Renato

Pereira Pinto – cunhado do autor, e sua prima-irmã, Lúcia Pinto de Castro que, tendo convivido com as pessoas-personagens dos poemas, pôde clarificar e relembrar fatos acerca do ambiente familiar e da natureza descrita no *Verde e Azul*. O contexto intelectual e literário de Campos em que circulava o poeta Silva Pinto é revisto pelo pesquisador, poeta e professor de Literatura Joel Ferreira Melo. A prosa bem-humorada do jornalista Celço Cordeiro Filho relembra seu breve, mas marcante, encontro com Manoel Joaquim no Mercado Municipal de Campos.

Nesta edição, foram inseridas, também, fotografias do acervo do autor e outras, feitas pelo sobrinho Cláudio Pereira Pinto, de objetos e ambientes inspiradores de alguns sonetos. Os recortes de jornal foram anexados ao *Verde e Azul* pelo próprio Manoel Joaquim.

As organizadoras acreditam que este livro seja particularmente significativo para aqueles que viveram momentos encantados numa Grussaí mais rústica e singela. Os delicados sonetos desta coletânea evocam uma meninice à beira-mar mais morosa, de ruídos mais brandos, de maior percepção do verde e do azul. “Mel-jim” resgata e preserva um tempo e um lugar na memória de muitos, revelando-os para quem não teve o privilégio de conhecê-los.

*Manoel Joaquim da Silva Pinto:  
dados biográficos<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Por ocasião da inauguração do retrato do poeta na Escola Municipal Manoel Joaquim da Silva Pinto no atual município de Cardoso Moreira, RJ.

*Jorge Renato Pereira Pinto*

Filho de Godofredo Saturnino da Silva Pinto, advogado ilustre nesta cidade de Campos e de Helvia Torres da Silva Pinto, Manoel Joaquim nasceu na rua Capitão Salomão, Botafogo, Rio de Janeiro, em 1911, vindo morar em Campos em 1915.

Morou, a maior parte de sua vida, na rua Saldanha Marinho, 387<sup>2</sup>. Cursou o Primário na Escola de D. Izabel Ferraz e o Ginásio no Liceu de Humanidades de Campos, obtendo sempre as maiores notas. Retornou, depois, ao Rio de Janeiro onde ingressou na Faculdade de Direito, cursando-a até o 3º ano, tendo que abandonar os estudos por motivo de doença. Sua enfermidade nunca foi corretamente diagnosticada. Sabe-se que se localizava na parte posterior do cérebro e que provocava períodos de melancolia e de prostração. Seu pai levou-o à Europa em busca de cura com os mais renomados médicos daquela época, nada conseguindo. Abandonados os estudos de Direito, Manoel Joaquim dedicou-se, exclusivamente, à leitura e à produção de poesias.

---

<sup>2</sup> Solar onde hoje se encontra instalado o Hospital Pró-Clínicas, em Campos.

Tinha grande sensibilidade e enorme cultura, pois era um devorador de livros. Sua biblioteca particular continha milhares de volumes, a maioria em francês, língua que falava e entendia fluentemente. Muitos desses livros foram doados à Faculdade de Filosofia de Campos após a sua morte.

Veio a tornar-se um dos maiores poetas de Campos dos Goytacazes – criava poemas e sonetos como quem cunha moedas. Recebeu prêmios no campo da literatura fluminense e era reconhecido por poetas famosos, entre os quais, J.G. de Araújo Jorge, prefaciador de seu livro *Verde e Azul*, deixado preparado para publicação pelo próprio “Meljim”, como era chamado pelos familiares. Produziu poesia de natureza romântica e crítica. Manteve, por mais de 30 anos, produção diária de poemas e crônicas, publicados na imprensa fluminense e na campista, principalmente nos jornais “A Notícia”, “Monitor Campista” e “O Fluminense”. Em Campos, foi membro fundador da Academia Campista de Letras, e membro da Academia Pedralva de Letras. Em 1943, foi eleito membro da Academia Fluminense de Letras, em Niterói.

Desenvolvia os temas mais diversos como política, nacionalismo, religião e crítica literária de autores nacionais e estrangeiros. Aprofundou-se no estudo do Espiritismo e realizou intensa divulgação literária sobre o Movimento Integralista, pelo qual era apaixonado. Realizou, ainda, extensos estudos na área de filologia e lingüística. Outra área pela qual tinha grande interesse era a Medicina – numa constante busca para entender sua doença. Era comum os vizinhos e conhecidos lhe fazerem pequenas consultas, pedindo-lhe, até mesmo, sugestão de remédios.

Apesar da doença, tornou-se Professor de Francês do Liceu de Humanidades de Campos e do Instituto de Educação Prof. Aldo Muylaert (IEPAM), vindo, mais tarde, a possuir ínfima e irrisória

aposentadoria. De forma compulsória e à sua revelia, foi retirado do magistério por inveja e maledicência de alguns colegas influentes. Tal fato causou nele um imenso desgosto que o manteve prostrado, arredio e o levou, pelo resto de sua vida, a “entreter a razão”<sup>3</sup> organizando e revendo seus escritos que, neste momento, por meio desta obra, começam a ser apresentados ao público.

Faleceu em Campos dos Goytacazes, de enfarto do coração, em 1976.

---

<sup>3</sup> Verso do português Fernando Pessoa, citado de memória, do poema “Psicografia”.



**Crianças na varanda: Manoel Joaquim (sentado, 9 ½ anos), sua irmã Dulce (à direita, 8 anos) e o irmão Ruy (à esquerda, 6 ½ anos), na varanda da casa dos pais em Campos (Rua Saldanha Marinho), em 17 de agosto de 1931.**

Acervo do autor



*Manoel Joaquim, primo-irmão  
de minha infância*

*Lúcia de Castro Goulart*

Eram duas chácaras separadas por um muro e ligadas por um portão, por onde o menino transitava entre os seus dois mundos.

No casarão da esquina, era o príncipe: todos os seus desejos satisfeitos. "Deixe o menino jogar bola na sala. Se quebrar os vidros, ponho outros". Além da tia-avó, tinha os doces e, principalmente, as balas de ovos e de leite de coco da avó, feitas especialmente para ele. E o piano da tia, perto de quem se enroscava, pensamento longe. Ah, Chopin...

Na outra casa, o pai — rigoroso, austero, autoritário — que queria educar o filho mais velho segundo seus rígidos princípios, punha o menino de castigo na varanda, sozinho, e lá o esquecia quando ia para o escritório.

Estes dois mundos marcaram o menino para sempre.

Adolescente, inteligente e estudioso, causava espanto nos professores do Liceu: "Esta prova de Latim vai ser desconsiderada: nenhum aluno seria capaz de fazê-la sozinho. O senhor vai fazer outra aqui, na minha mesa." Outra prova com distinção...

Nas férias, Grussaí — o paraíso sorvido por todos os sentidos.

Rio de Janeiro, Curso de Direito. Começam os desânimos, a melancolia, rareiam os dias de bem-estar. O pai o leva, de navio, a Paris. Ele preparara um relatório, em francês, detalhando o que sentia. Médico famoso. “Ah, le malade du grand papier...” Veredito: “só precisa trabalhar, que fica bom.” (Não se conhecia, ainda, a depressão e seus afins). Na volta, a viagem toda sem dizer uma palavra.

Campos. Anfetaminas versus soníferos. Rodeado sempre de livros e papéis, papéis, papéis. Tudo lido e relido e anotado e corrigido e recorrigido e passado a limpo e repassado. Nunca já estava pronto. Queria perfeito.

E os dois mundos de sua infância continuavam vivos dentro dele.

Para se sentir querido, tinha que ser sem restrições. Como a prima adolescente para quem mandava as meias para cerzir e os selos para tratar (sempre acompanhados de flores ou frutos da chácara ou versos de Sully Prud’ homme traduzidos por ele). E ela sabia-lhe versos de cor “Carro de bois, és poeta: / Quanto mais sofres, mais cantas!” E se sentia orgulhosa quando era encarregada de fazê-lo tomar a sopa nos dias de prostração. Essa fazia parte do mundo do bem-querer, aqueles para os quais assinava Meljim.

Os outros, os que o criticavam de alguma maneira, os que o queriam enquadrar (muitas vezes para o seu próprio bem), os que agiam pelas normas (pré) estabelecidas, os pragmáticos, esses parece que despertavam nele o menino de castigo, abandonado, não-querido, que, agora, contra todos se rebelava, contra o mundo do mal-querer, que ele satirizava em versos assinados Maneco Contra-Mão.

Professor de Francês. Professor Manoel do IEPAM e do Liceu. De novo, adorado (pela maioria dos alunos) e detestado (pela maioria dos colegas). Também, inventar tanta coisa para quê? Não bastava dar as aulas? Saber não faltava. Mas ele teimava em inventar... O quadro-negro de sua sala no Liceu estava ilegível (como os outros). Teve a idéia de levar caixas da chácara e vendê-los aos alunos no intervalo, para, com o dinheiro, os próprios alunos pintarem o quadro nas férias. Batia a sineta e a criançada, de todas as salas, desabava escadas abaixo para pegar um lugar na “fila do cajá”, para desespero dos inspetores (também, quem já ouvira falar em “trabalho voluntário” em escolas?). Mas quando o semestre começou, o quadro estava uma beleza, o único novinho no Liceu.

Convocava, por conta própria, os colegas de Francês para reuniões em que combinariam o programa a dar. Ninguém ia. (Claro, a Coordenação por Disciplina estava, ainda, longe de ser obrigatória). Queria mais: reunir-se com os de Português. Nada. (A divisão das disciplinas por áreas afins estava mais longe ainda). Visitava os alunos em suas casas “encontrei uma que estudava em cima do armário, único lugar sossegado na casa. Não acha que merece uma atenção especial? (Hoje as escolas têm o setor de Serviço Social). Quanta maluquice! Que trabalho dá à Direção!. E os diários rabiscados, com notações sobre as atitudes do aluno em sala? Andaram de mão em mão, como prova maior de suas “esquisitices”. (O hoje famoso “ conceito” substituindo a simples nota).

Até que chega a Prova de Suficiência do MEC, para registro definitivo de Professor em cidades sem Faculdade de Filosofia.

O daquele ano era coordenado por um pernóstico professor (depois afastado do MEC), que seguia o princípio de que, em aula de língua estrangeira, era proibido falar uma palavra de Português.

Manoel Joaquim discordava. Se, para explicar uma regra gramatical, o Português ajudasse, ele o usaria. A professora do curso implorou: “Professor, pelo menos na hora da aula para nota, o senhor fale só Francês. O senhor sabe mais que todos nós!” Na sua vez, o caso já se espalhou, e a sala e o corredor estavam apinhados. Havia até torcida: ele vai se render e salvar a nota, falando só em Francês; não, quixotesco, vai dar a aula como acha que deve ser. Deu. Perdeu na nota. Na prova de Didática, respondeu tudo como a banca queria. Tudo certinho. Mas pôs um P.S.: Não concordo com nada que disse acima. Tirou zero.

Foi aposentado, à sua revelia, para não dar mais “problemas”.

Ultimamente, morava, sozinho, numa casa entulhada de móveis antigos, livros e papéis. Como sempre, polêmico: havia os vizinhos com quem se desentendia (com os que mantinham cachorros presos latindo, especialmente) e os estudantes que o procuravam para as “pesquisas” em suas enciclopédias. “Pesquisar não é copiar” e lá ia ele, pacientemente, ensinar como deviam ser feitas.

Com as filhas da prima, o encanto torna a se dar. Ensinava-lhes os primeiros passos na coleção de selos. Além dos cuidados, contava-lhes o que cada um representava. Ainda hoje guardam cartas dele que pertenciam à avó e têm, em Grussaí, sua caricatura na parede. Para elas, é o Tio Quim.

No seu enterro, uma moça chamava a atenção pela emoção demonstrada. Quem seria? Tantos anos depois de afastado da sala de aula, uma ex-aluna chorava por seu antigo professor.

Campos, 5 de dezembro de 2004



*Poesia - refugio de um passado ameno*

*Rita Maria de Abreu Maia*

Ao ler pela primeira vez o manuscrito de *Verde e azul – meninas à beira-mar*, a mim trazido pela sobrinha do autor, Hélvia Pereira Pinto Bastos, senti que estava diante de um poeta. Naquela primeira e rápida leitura, feita ainda sob a pulsão da curiosidade, compreendi quanto seria importante tornar público o trabalho poético do ex-professor do Instituto de Educação prof. Aldo Muylaert e do Liceu de Humanidades de Campos, neste momento de expansão da vida universitária no município e de certa fertilidade nas academias de letras da cidade.

Fazer reviver a poesia de Manoel Joaquim Silva Pinto não será uma atividade desprovida de sentidos para o leitor do presente, provavelmente distanciado das referências textuais que compõem a obra, em que nelas se inclui o léxico sofisticado e erudito desse professor de Língua e Literatura Francesas, leitor de autores emblemáticos daquela cultura. Ao recuperá-la, além do avivamento da memória cultural da região, o que nos deve interessar é a forma como a realidade do lugar da infância e a do poético são apreendidas

pelo sujeito-autor. Os estudos literários contemporâneos buscam encontrar novos significados para a categoria do tempo, do espaço e do literário, considerando-as em suas perspectivas histórica, cultural e contextual, em diálogo fecundo com a produção literária de todos os tempos e de todos os lugares possíveis e com as experiências culturais e pessoais do sujeito-leitor. Em cada tempo, a cada leitor, o texto literário abre-se a nova ressignificação. Não há, portanto, boa literatura que esteja ultrapassada.

Penetro, neste livro de Manoel Joaquim, convidada pelo título que nomeia o conjunto de poemas, *Verde e azul – meninice à beira-mar*. Ele antecipa o cruzamento de duas questões essenciais à experiência do sujeito: a infância – os verdes anos de existência, e o lugar – a casa junto ao mar, *locus amenus* convocado pela lembrança de um tempo-lugar feliz, sob a tutela da avó a quem dedica o livro, vivificado pelos sentidos que despertam a memória e a transfiguram em linguagem. O título, portanto, já evoca o poético na medida em que as palavras “verde e azul” são, ao mesmo tempo, metáfora e metonímia. São metáforas quando substituem, respectivamente, infância e paraíso, tempo e espaço conservados pela memória afetiva do adulto que expressa, no momento da enunciação, as saudades de uma época e de uma casa. São metonímias porque as cores pintam o lugar do passado rememorado, Grussaí, refúgio do menino, – a um só tempo, no presente da lembrança, vegetação e mar.

O poema de abertura do livro, composto por 33 sonetinhos, abre o cenário da infância, situa o leitor no espaço enunciado e tem seu título recolhido de uma canção popular à época: “Nestas praias de límpidas areias...”. Vê-se aí esboçada a estrutura da obra: a descrição da praia, como a ampla paisagem que se abre para acolher o menino veranista e edificar a casa da poesia. Nela o

menino desperta e saboreia a vida em plenitude. A partir dela, o poeta vai conduzindo o leitor pela paisagem interna e externa da casa até à chegada do sono do menino, ao final de um dia pleno de sensações e experiências. Da chegada à partida, do amanhecer ao anoitecer, do ante-sono "*Toada elísia, que brotas/ do imo de mim no ante-sono*" (no poema I), ao sono do poema XXXIII "*Um sono: ... E o menino pensa/ que aquela ventura imensa.../ ...nunca devia acabar!*". Do menino amparado pela casa da praia ao adulto que está "quase pegando no sono" do desânimo, da apatia e das agruras que o marcaram.

Desde o primeiro texto, tem-se, portanto, a certeza de que se está diante de um eu adulto que organiza os fiapos do vivido e transforma-os, conscientemente, em tecido poético, a partir de uma "toada elísia" que antecede o sono. Como um narrador proustiano<sup>1</sup>, estimulado pelo sabor e odor de uma "madeleine", o sujeito lírico acolhe o chamado brandamente musical, fortemente prazeroso da "toada elísia" e "penetra surdamente no reino das palavras"<sup>2</sup>, para confeccionar com as felizes lembranças, a paisagem textual do livro que se insinua contrária ao presente urbano, desarmonioso, melancólico.

Seguindo a toada, também o leitor penetra nos sonetinhos acompanhando a transformação da memória em poesia. O eu lírico apropria-se do melhor de sua linguagem e registra os fragmentos de um passado visto, tasteado, cheirado, ouvido, vivenciado. Sua matéria prima é a memória que, como tal, é real, mas que, como texto, é outra coisa, é literatura. Penso que não devemos nos preocupar com o quê, com o porquê e com o para quê, o quando e o onde escreveu o poeta. A arte ultrapassa as questões teóricas e as suposições de crítica genética. Quando o poeta registra tempo

---

<sup>1</sup> O adjetivo aqui empregado remete à obra de Marcel Proust: *Em busca do tempo perdido*.

<sup>2</sup> Como convida o poeta Carlos Drummond de Andrade.

e lugar da meninice não o faz de forma lógica e programada. A memória é alógica e acidental, independe da vontade dos sujeitos. O trabalho artístico, não. É programado, estudado, urdido e tramado. Assim procedeu Manoel Joaquim. Isso é perceptível na obra cuidadosamente preparada por ele, ordenada segundo seus próprios critérios. Precisar, contudo, o instante em que o encontro do universo simbólico do sonho, da saudade ou do desejo com as experiências vistas e retidas pela memória realiza-se, não é possível. O sono advindo da “toada” confunde os limites vulneráveis entre o real vivido, o real capturado pela memória, o real sonhado e o real que a experiência literária cria e recria.

Como um fingidor pessoano<sup>3</sup>, os poemas foram ordenados de modo a sugerir, a “fingir”, poeticamente, uma narrativa. Quis o autor assim encadeá-los, para expressar as experiências que um dia de veraneio em Grussaí oferecia ao menino e seus familiares. Tudo sob a atmosfera do fingidamente “simples e brando” como a casa de “varanda singular” e “ideal brancura”, pois que a poesia de Meljim é elaborada, ligada a formas fixas da poesia e influenciada pelas estéticas finisseculares do XIX (mais proximamente ao simbolismo). Adota, entretanto, o sonetinho, sonetos de sete sílabas, menos nobres do que exigiam as estéticas ligadas à tradição clássica, o que pode apontar um flerte com as liberdades estéticas de um certo modernismo português, afeito à aproximação com cantigas medievais.

Nessa quase incompatibilidade formal, encontro a modernidade deste autor. Suas redondilhas, comuns às cantigas medievais e às cantigas infantis de roda, trazem o ritmo do cotidiano, do popular, do folclórico para a poesia, rompem com a rigidez da forma e criam uma intersecção entre forma e conteúdo poéticos. Configuro aí como moderna a lírica de Manoel Joaquim.

---

<sup>3</sup> O adjetivo “pessoano” diz respeito a Fernando Pessoa e evoca os versos: *O poeta é um fingidor, do poema “Autopsicografia”*.

Moderna no sentido outorgado por Hugo Friedrich<sup>4</sup>, em *A estrutura da lírica moderna*, à lírica de Baudelaire, Mallarmé e Rimbaud, não exatamente pela representação de um mundo caótico e fragmentário como estes o fizeram, mas por desviar-se de uma forma clássica padronizada. Em sua poesia era necessária a ordem, para que sua linguagem pudesse se romper, aí sim, com a absurdidade e negatividade que perpassavam a vida do sujeito poético e que são sensações próprias da lírica moderna concebida por Friedrich. “Meljim” funde na forma clássica um ritmo popular. Confunde a claridade da infância do menino com o sono do homem, afirma o passado para negar o presente. Ao recusar na escrita o caos em que sua alma parecia viver, faz da poesia seu refúgio.

Este livro quer mais que tudo ser um convite a penetrar na intimidade desta casa, feita de linguagem e memória, aberta aos que, de alguma forma, resistem à alienação em que o homem de hoje se encontra envolvido.

---

<sup>4</sup> FRIEDRICH, Hugo. *A estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

*A poesia etnográfica de  
Manoel Joaquim*

*Fernanda Huguenin*

A poesia de Manoel Joaquim é etnográfica. Plasmado na paisagem da Grussaí da primeira metade do século XX, *Verde e Azul: menino à beira-mar* figura as experiências do jovem que, passeando nos campos abertos ao redor da casa da avó, via o verde das restingas rachando os azuis do céu e do mar. Com o detalhamento descritivo que convém às etnografias, o poeta, utilizando seu mapa lírico, percorre os tons, os sons, os cheiros e toda a sorte de imagens e sensações que se lhe oferecia a praia – ainda resguardada da urbanização e dos transtornos modernos.

Dos encontros mais profícuos entre ciência e arte, literatura e antropologia imbricadas garantem alguns veios a literatos e a antropólogos. Isso porque ambas partilham da experiência humana como matéria-prima de suas criações. Assim, as experiências estruturam expressões, mas as expressões também estruturam experiências: o poeta criou sua poesia a partir das possibilidades de vivência que a praia ofereceu ao menino Manoel Joaquim; o leitor que desejar saber da vida na Grussaí do passado poderá senti-la através de *Verde e Azul*, quase à maneira de um *Bildungsroman*.

O jovem Manoel Joaquim e Grussaí estão entremeados nos trinta e três sonetinhos de maneira indissociável. Como vê-lo sem o lugar em “Travessuras sol a pino”, onde o menino, diante do elenco de atividades que se lhe oferecia a paisagem, demonstra seu desassossego? Ou em “À procura de cajus”, “Flores silvestres” e “Poente ao longo dos brejos”, não imaginá-lo em suas incursões, descobrindo os encantos e recantos de seu pequeno paraíso? Pois, se “as estruturas narrativas têm valor de sintaxes espaciais”, como indica Michel Certeau, *Verde e Azul* é isto: um etnógrafo inaugurando seu trabalho de campo ou um poeta deslizando nos espaços através do verso.

Sua poesia parece inverter a regra *rem tene, verba sequentur* (tenha as coisas, as palavras seguirão) ditada para a ficção. Pois, se na poesia é preciso que se tenham antes palavras, como teria escrito o poeta “A casa” sem que nela tivesse acordado nas manhãs de carinho da avó para os dias verdes e azuis? Ou como nós, leitores, visualizaríamos como num retrato os objetos figurados em “O bule da bisavó”, “O étágère”, “A louça remanescente” e “O caderno de receitas”? Como, senão na possibilidade de experimentar “siris gordos”, “café torrando” ou o “choro pressago das rãs”, Manoel Joaquim teria atravessado pelo universo de sensações que, através de seu eu-lírico, foram traduzidas em “Saudades gustativas”, “Saudades olfativas” e “Saudades auditivas”? É na experiência, formativa e transformativa, dos dias de veraneio naquela praia que o menino transformou-se em poeta, cunhando no conteúdo de sua poesia uma descrição densa, como diria Geertz, do mundo menos imaginado que real ao seu redor.

Grussaí é a mobília de *Verde e Azul*. É também o lugar onde o jovem Manoel Joaquim encontrou o caminho da afetividade e da sensibilidade no tempo de sua formação, como ele mesmo indicou no prefácio da obra:

Evoco os mais longínquos veraneios de que me recordo, quando os fazíamos na casa da vovó. Quer pelo jeito da casa, quase miúda, e particularmente conchegada; quer pelo admirável bem-querer que me devotava a sua dona; e por esses terem sido os meus anos de infância mais infantis deveras.

Nessa infância, narrada em forma de poesia, o poeta deixou-nos uma herança irrecuperável senão na própria obra: tendo ele se servido de uma Grussaí que já não existe, legou-nos a imagem de uma paisagem passada, mas, também, guiou-nos ao encontro de um Manoel Joaquim que parece não ter sobrevivido aos tempos de adulto.

Como os espaços têm seus desertos, o tempo também os tem. O adulto deprimido jamais voltou a Grussaí urbanizada. Transformaram-se juntos. Recusou-se o poeta a vê-la diferente, menos deserta, menos colorida, menos tranqüila. Ou não permitiu que a praia o visse inundado, preto e branco, aflito na depressão. Ficaram um para o outro intocáveis na imagem.

A obra registra em seu conteúdo um tempo de calendário íntimo do poeta – sua infância – e, pelos seus itinerários de menino, mobiliza-nos na poesia a conhecer a sua Grussaí. Ao leitor, se “ainda é guri um pouco”, o verde e o azul de Manoel Joaquim.

---

Referências:

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. v.1: Artes de fazer.  
GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.



**Pasto em frente à Casa de Grussaí. À época do autor em Grussaí, não existia este pasto entre a casa e o mar, apenas pitangueiras e brejos.**

Foto de Claudio Pereira Pinto, 2005



*Poesia – possibilidade de reescrita do eu*

*Eliza Nunes Maciel*  
*Tereza Pereira Nunes Maciel*

“Saudades Auditivas” talvez seja o soneto que nos entregue a melhor metáfora desse poeta – menino-homem Manoel Joaquim. Quem melhor que um pássaro – quero-quero – poderia lhe representar? Ainda mais no plural: *quero-queros distantes gritando do poente vago...*

Como no verso, são mesmo muitas reticências o que ele nos deixa no lugar dos objetos de desejo. Ao procurar por ele, por meio de sua obra, o que encontramos são as imagens que lhe forjaram uma alma que vasculhava na natureza uma liberdade de existência. Tudo ganhava cor e ritmo no silêncio da fala humana, quando lhe era possível escutar outras vozes, mais cúmplices, que lhe cantavam num dialeto onde seu ser era livre.

Entre esse encontro quase homeostático com o agreste e a insistência que o caminho do tempo lhe obrigou, nasceu do menino, o poeta; do poeta, a erudição da forma e do uso da língua; e da história, o paradoxo entre a cultura e as reminiscências das imagens

infantis. Paradoxo este, onde basculava o homem e a criança, entre o mal-estar que a civilização lhe impôs e a insistência que o para além do princípio do prazer lhe exigiu. Nesse ponto, vale dizer que toda existência humana tende a uma inércia prazerosa, que não sendo possível nela permanecer, indefinidamente, em vida; posto que é morte; somos a toda hora solavancados pela busca dessa promessa impossível.

Visitando sua biografia, mesmo aquela contada pelos que o amavam, é fácil perceber, por meio dos fatos de sua história pessoal e de sua poesia, que ele se deparou com o inferno e o céu de um “quero-quero” enjaulado.

Segundo ele mesmo nos conta, por ocasião de seus motivos para “poetizar”, o encontro com a poesia oferecia-lhe sentido em buscar a perfeição da palavra cabível às redondilhas da música poética, tal qual o amante procura pelas formas da sua amada, o melhor jeito de lhe amar. Acariciava, assim, o corpo da obra, embebedado do compromisso que adorá-la lhe exigia; o que era distante, entretanto, de sujeitar-se às regras de uma civilização com a qual mal conseguia interlocução. Aí sim, calava. Retirava-se “desse mundo”, onde palavras não lhe chegavam como canções, nem como cúmplices, nem amantes; mas apenas manifestações, ruidosas sem rima e sem afeto.

Parece-nos poder dizer que exatamente nesse ponto é que voltava a um tempo em que o pueril lhe devolvia uma suposta possibilidade de reescrever sua própria história, o que não lhe sendo possível, aprisionava-o fragmento espaço-temporal, de onde não desejava mais sair.

Lá era onde encontrava, ainda que em saudade, *papai... voz que infiltra na criança deitada, fina emoção de paz, funda segurança.*



O Autor em Grussaí (anos 30?). Este é, provavelmente, um dos últimos registros de Manoel Joaquim no ambiente de inspiração do "Verde e Azul". Passada a juventude, o autor nunca mais retornou à Grussaí. Note-se a "aridez" da paisagem de então – apenas o areal, o verde das pitangueiras e o azul do céu.

Acervo do autor

*Manoel Joaquim da Silva Pinto:  
um legado de dialogia cultural*

*Joel Ferreira Mello*

Poeta, ensaísta, crítico literário, tradutor, professor autodidata de notório saber – Manuel Joaquim da Silva Pinto [1911-1976] é a maior força interlocutora com o Movimento Modernista brasileiro em Campos. Figura paradoxal de pensador com sólida formação clássica e gosto estético modelizado, vivencia com a ruptura instaurada na cultura nacional, a partir de 1922, e em nível regional campista, a partir de 1954, um desafio aos seus valores “definitivos”, em arte, e ao seu ânimo de enfrentamento a uma ameaça que não lhe escapa, em seu contexto imediato, em que sempre procurava intervir, como criador e crítico participante.

Era de personalidade forte e ativista predisposto à vida solidária e enturmável, nas letras, mas contraditoriamente era de difícil convivência na continuidade, pelo permanente questionamento e contundência, sempre inquieto em busca da unidade interior e social como pensamento em ação.

É, em 1939, membro fundador da Academia Campista de Letras. E, em 1943, está como relator inserido na comissão acadêmica, constituída pelos cinco escritores – Sílvio Fontoura, Aloísio Faria, Barbosa Guerra, Nelson Pereira Rebel e ele próprio, Manoel Joaquim da Silva Pinto, responsáveis pelo estabelecimento do texto do livro *Sonho*, de Azevedo Cruz [1870-1905], para sua publicação pela Editora Brasília, da Federação das Academias de Letras do Brasil.

A década de 50, em Campos, é de grande movimentação na área das Letras e Manoel Joaquim da Silva Pinto está no centro de operações da nossa dinâmica cultural. Por volta de 1952, ocorre uma cisão interna na Academia Campista de Letras. Um segmento da instituição, liderado pelo nosso poeta Manoel Joaquim, rompe com a presidência de Godofredo Tinoco, criando então o Centro Campista de Letras & Artes – entidade que passa a convergir um diferenciado conjunto de escritores e artistas da nossa comunidade.

O Centro Campista de Letras & Artes, após rápido percurso de efervescência intelectual, também se cinde em dois diferentes polos de interesse cultural: Centro de Estudos Políticos e Sociais, com a liderança do escritor Renan Machado, acompanhado de Alcimar Fraga e o Clube de Poesia de Campos [1954] que deflagra o Movimento Modernista em Campos, com a revista *Horizonte 22* e uma série de realizações no setor da poesia moderna entre nós, com nomes como Genaro de Vasconcelos, Mário Newton Filho, Barcelos Sobral, Oswaldo Martins, Vilmar Rangel, Joadelívio Codeço, Marly de Oliveira, Lurdes Borges Júdice, Adolfo Schweitzer e outros.

Embora aparentemente desrealizado nessa sucessão de eventos históricos, temos de reconhecer que a figura intelectual de Manoel Joaquim da Silva Pinto se visualiza por uma série de fatores. Inerentes ao seu modo próprio de atuação, as condições

e os esquemas mentais vigentes no período em questão acabam proporcionando um realce de sua presença, de forma inesperada, decorrente do seu desempenho na conjuntura do momento vivido: o de uma tensão entre um clima de mornidão cultural e um agito pela ruptura com que o Movimento Modernista se instaura em Campos.

Em 1956, tivemos ocasião de atuar juntos num evento cultural como expositores e debatedores. Foi no *Primeiro Salão Fluminense de Poesia* [Congresso de Poetas do Brasil] promovido pelo Clube de Poesia de Campos no salão de convenções da Associação Comercial de Campos, na Praça São Salvador. Em nome da Academia Pedralva de Letras & Artes apresentei minha Tese/ensaio sobre *Regionalidade e Universalismo na Moderna Poesia Brasileira* que foi aprovada por um Geir Campos e um Manoel Joaquim da Silva Pinto, de tendências estéticas opostas, entre outros, trabalho em que iniciava minhas teorias sobre o *sintetismo espaço-temporal*. Em compensação Manoel Joaquim da Silva Pinto apresentou e defendeu cerca de sete teses sobre problemas de arte e poesia. Algumas foram aprovadas, outras eram visivelmente bloqueadas pela má vontade da nossa primeira geração modernista para com ele. Fechei questão com uma dessas suas teses que cuidava da necessidade de se conhecer o passado sem o que não se pode afirmar que se esteja em ruptura com ele.

Manoel Joaquim era objetivo, coerente e dialético, compenetrado de sua cultura humanística. Nele a noção de fato artístico e sua importância para a condição humana superava sua concepção do fato estético como restrito ao modelo clássico, sem abertura ao experimentalismo em construção da nova poética.

Já no período de 1967-71, como editor do *Suplemento Letras & Problemas*, no jornal A Notícia, de Campos/RJ, tive a alegria de receber e divulgar, de Manoel Joaquim, seus poemas

satíricos, em forte postura desconstrutora dos seus perseguidores no âmbito profissional do magistério a que se dedicava no Liceu de Humanidades de Campos e no Instituto de Educação, que “de forma compulsória e à sua revelia”, como nos revela Jorge Renato Pereira Pinto<sup>1</sup>, o retiraram do magistério “por inveja e maledicência”, uns tais “colegas influentes”. Nessa ocasião, aproximamos Manoel Joaquim do articulista do nosso *Suplemento*, professor e advogado Benjamim Machado Filho, para que o ajudasse judicialmente. Além desse fato assinamos um manifesto em sua defesa, com inúmeros membros da nossa comunidade, entre os quais havia o nome do professor Clóvis Tavares.

A situação paradoxal do escritor e poeta Manoel Joaquim da Silva Pinto tem seu coroamento num fato que comprova sua predisposição ao diálogo nem sempre alcançado em seus propósitos construtivos. Não houve em nossa imprensa maior debatedor em polêmicas memoráveis com as lideranças da nossa primeira geração modernista. Isto, entretanto, não impede que o mais constante crítico do movimento de renovação estética terminasse por ser eleito, exatamente, como membro do próprio Clube de Poesia de Campos, fazendo jus à sua condição de construtor de um legado de interação com as formas aparentemente mais arreadas a um legado, difícil, mas consumado de dialogia cultural.

---

<sup>1</sup> Cf. página 22



*In (comprendido) e amado*

## *Celço Cordeiro Filho*

Amado por poucos — presumo ter sido o suficiente — e in (compreendido) por muitos, tomo conhecimento de que a mestra Hélvia (Helvinha) Pereira Pinto Bastos, sua sobrinha, está concluindo livro que conterà parte da vasta obra — poesia e prosa — do professor Manoel Joaquim da Silva Pinto, falecido nos anos 70. Chamado simplesmente de professor Manoel pelos seus alunos do Liceu de Humanidades de Campos e Instituto de Educação “Professor Aldo Muylaert” e reconhecido por raras inteligências desta Campos — quase sempre preconceituosa — outrora dos Goytacazes, guardo sua última imagem no Mercado Municipal. Anos atrás, havia nas suas cercanias uma casa que servia sopa deliciosa e, num desses finais de tarde, por ali passava e vi quando aquela figura alta, imponente, magra, colocou sua bicicleta — mais tarde tomei ciência de que a chamava de *Elza* — no meio-fio. Desceu, envergando garbosamente um paletó cinza — se não me falha a memória de linho (quem sabe Taylor 120?) — e camisa social branca sem gravata, e se dirigiu ao interior.

Como já ouvira falar dele pelo mestre Hervé Salgado Rodrigues, meu iniciador na seara jornalística, fiquei a observá-lo de longe. Sentou-se, elegantemente, à mesa, foi servido e, em menos de dez minutos, estava de volta. Em seguida, tomou a sua *Elza* e pude ver, ao longe, a silhueta sumindo pela rua transversal do Mercado. Aí pensei comigo mesmo: um homem desta estirpe, sozinho, pedalando sua bicicleta e sem ninguém que o cumprimentasse. Mas era compreensível: há muito tinha deixado de dar aulas e também a inteligência não tem o reconhecimento fácil nesta terra de Benta Pereira. Fosse um jogador de futebol ou um endinheirado — típico personagem da Rua dos Homens em Pé (Boulevard Francisco de Paula Carneiro) — seria, fatalmente, reverenciado. Não importa, ou, britanicamente: *never mind*.

Depois, em conversas com Lúcia, minha companheira e prima dele, soube de detalhes de sua (riquíssima) vida interior. Defrontou-se com problemas de saúde desde a adolescência e que ainda naquela época o atormentavam e, decididamente, acabaram prejudicando sua vida de mestre e articulador de escritos e pensares significativos. A desarticulação que tinha à época não passava da nossa hoje tão conhecida e tratável depressão. Poderia ter, no máximo, o que a medicina diagnostica nos dias atuais como transtorno de personalidade múltipla. Mas o fundamental, o inquestionável, era o seu talento e capacidade de entender os desfavorecidos pela vida — poderíamos chamar de *outsiders*. Enfim, foi um mestre no Francês e Português e criador fantástico: seus textos continuam atuais e eternos. E os que passaram por ele e sua *Elza*, onde estão?

Monitor Campista, setembro de 2004



*Por que Grussaí*

*Hélvia Pereira Pinto Bastos*

Em texto de 1949, sobre seu avô homônimo, Manoel Joaquim esclarece acerca da origem do sítio da família, ambiente de que usufruiu por muitos anos e que inspirou os versos autobiográficos de “Verde e Azul”. O autor afirma, nesse documento, que esse avô, na segunda metade do séc. XIX, foi o “descobridor, o criador de Grussaí como praia de veraneio”.

Conta Manoel Joaquim que seu bisavô, Antônio Joaquim da Silva Pinto (Barão de São Fidélis), costumava, anualmente, levar a família (e escravos) para pescarias em Iquipari, “uma légua ao sul” de Grussaí, onde ficavam por cerca de uma semana em barracas.

A história continua assim nas palavras do autor:

De uma das vezes, o Dr. Manuel Joaquim, ainda solteiro, cavalgando para o norte, deu com a região de Grussaí, que lhe agradou particularmente. Viu aí um sítio, de nome Guriri, do Dr. Assunção Neves,

advogado em São João da Barra, sítio onde houvera um engenho de açúcar. Gostou dele, adquiriu-o. Tinha uma boa casa de moradia, que era mais para dentro do que as atuais residências de veraneio e já não existe.

Como era dado a convidar amigos para ali passar semanas, e estes se agradaram do lugar, decidindo edificar por sua vez, assim foi nascendo o arraial. A primeira nova casa deste gênero edificada o foi pelo Barão de Miranda. A segunda por Francisco Pinto Rodrigues de Brito, concunhado do Dr. Silva Pinto.

Aos poucos foi se ampliando o lugarejo. Momento houve em que seus parentes tinham meia dúzia das poucas vivendas ali existentes, constituindo Grussaí como uma especialidade dos Saturnino Braga, Silva Pinto e Teixeira de Melo, - famílias estreitamente ligadas por muitos matrimônios.

O apreço desses primeiros familiares pelo local permanece vivo em seus descendentes que buscaram manter a *memorabilia*, os causos de família e o trato pela propriedade centenária iniciada pelo bisavô Silva Pinto.



*Carta à Judith*  
(Acerca do “Verde e Azul”)

Campos, 28 de março de 1976<sup>1</sup>

Ó Judith – com th para excluir confusões com outras menos importantes (para mim):

Falta-me ainda fazer para essas evocações menineiras uma série de notas, glosas, sobre muitos dos sonetinhos, sobre talvez a maioria. Pois quem só conhece a Grussaí moderna, (sem personalidade marcante ...), não aprenderá bem os encantos, certos encantos de então, sem uns comentários explicativos – assim me advertiu um recente leitor, aliás bem sagaz.

Você mesma não conheceu em cheio a Grussaí típica, a genuína, que principiou a se alterar exatamente no mês do seu nascimento: janeiro de 1924. Pois aquele foi o primeiro veraneio com a presença de veículos motorizados, transportando gente e bagagens para Atafona e de Atafona.

---

<sup>1</sup> Carta de Manoel Joaquim a sua irmã Judith Torres da Silva Pinto.

No verão seguinte inaugurou-se a igreja; antes era uma capelinha, tão simplezinha! Raramente surgia, raramente, alguma família veranista fora daquelas trinta que todas se conheciam. Gente nova só acontecia quando um dos proprietários ficava ali só por um mês, alugava a casa durante o outro mês – ou mesmo ia apenas em dezembro ou março. Novas construções somente com uns anos de intervalo, três, quatro anos, surgia alguma.

O hotelzinho também só surgiu com os motores, creio que só depois de haver caminho rodável também para Campos, um pouco após o ônibus mirim de Chico Peres, com seus 4 banquinhos onde só cabiam 3 pessoas. Antes havia um silêncio extraordinário, tal que se conversava baixo longamente sem sermos estorvados nunca – salvo por choro de criança na própria casa.

Música, essa coisa hoje tão banal que até geralmente enfada, e até irrita, música só era possível realizada ali na hora por “técnicos”, — raridade extrema lá, preciosidade! Assim, até o cantozinho ligeiro de um pássaro era saboreado: era saboreado o flautim sutil do vento em qualquer frestazinha de porta fechada, ou janela ... E no fundo deste coração, tenho os gemidos vagamente musicais que hoje todos acham insuportáveis, dos carros de bois, — os poucos carros que, não todos os dias, rompiam na restinga, com lenha geralmente, e cuja cantiga, de tão pobres notas, a gente começava a ouvir ainda muito longe, longe... Até os coros de saparia ao fim de chuvas menos rápidas eram música...

E tudo nessa base. Luar! Que luar pode haver com luz pública? O luar de então era um deslumbramento místico! Era infundo, absoluto. Aos freqüentadores de agora (Renato por exemplo) esses encantos farão rir, pela tenuidade. Acharão que era miséria. E, no entanto, os irmãos todos, não só eu, gostávamos muitíssimo daquela Grussaí simplíssima. Era um teor da vida bastante diferente da vida

aqui na cidade, diferença muito maior do que existe atualmente, e isso tinha um sabor especial, aquela meia rusticidade. Era quase assim como que um outro mundo, aquele viver semi-agreste em que, a não ser o chefe da família, que vinha a Campos amiúde, a gente quedava lá por dois meses a fio, e geralmente sem nenhuma saudade de Campos – digo de nós, as crianças.

Havia bem mais lugares para se passear a cavalo, porque muitas propriedades não eram cercadas, a gente podia ir entrando para dar voltas, íamos catar frutinhas que somente lá havia – almécegas, quixabas, bacoparis, ingás mirins, frutinhas a que os adultos não davam apreço, e por isso não eram vendidas à porta pelos nativos, como acontecia às melancias, cajus e ingás grandes.

Como a iluminação (doméstica) era a precaríssima do querosene, jantava-se com o sol de fora, às 4 e meia, 5 horas, — o que tinha um encanto próprio. De retorno do passeio pela restinga, tomávamos mate queimado com uma conversinha familiar já meio sonolenta. E que sono delicioso, com algum grilinho sutil num canto do quarto, o vento zunindo nas telhas e, ao longe, o imenso clamor do oceano...

Em falta de flores aristocráticas, da cidade, assumiam realce as mudas silvestres. A gente dava atenção e degustava coisinhas finas que teriam sido somenos num local de atrativos numerosos e palpitantes. E assim era em todas as direções.

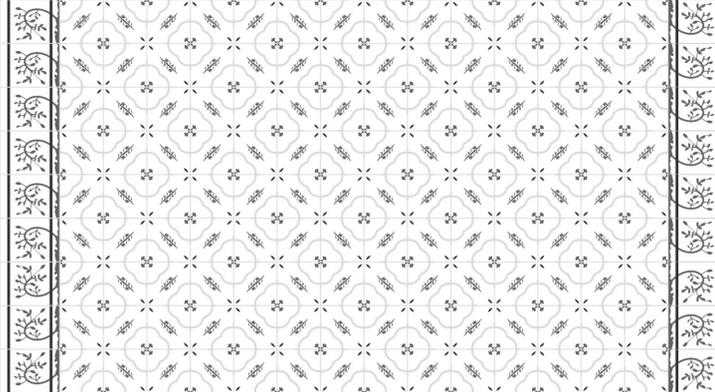
Há uma conclusão um tanto filosófica a extrair disso: a infância tem uma aptidão extraordinária à felicidade. Encanta-se com pouco. Especialmente os ambientes silvestres tocam (?) profundamente a índole infantil. A tal ponto que embora criados em chácaras, mesmo assim aquela vida um pouquinho asselvajida (?) da Grussaí de antes de 1924 era um mundinho de encantos para nós –

eu, Dulce, Ruy, principalmente. Porque vocês posteriores, sobretudo os dois últimos, não alcançaram mais aquilo e sua plenitude.

Isso parece indicar que a intensa mecanização da moderna vida urbana é pouco adequada ao espírito da meninice. Tregar em árvores, lidar com fruteiras e com a maior variedade possível de bichos parece necessário a uma educação cabal.

Eis um conceito de quem foi guri franzino e desde muito cedo apegadíssimo a leituras. Para crianças fortes e menos intelectuais – que é o comum – isso deve fazer falta de modo ainda mais nítido, quanto não teve.



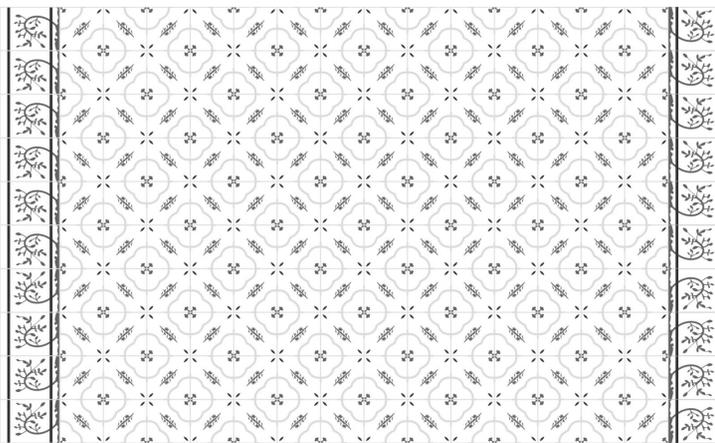


*Manoel Joaquim*

*Verde e Azul*  
*Meninice à Beira-mar*

Poema em 33 sonetinhos

Premiado em 1º lugar no  
Concurso de Letras Fluminenses,  
em Niterói, 1954



Niterói, Terça-feira, 5 de Outubro de 1954

# O ESTADO

## SUPLEMENTO

Orientação de Luís Magalhães

### Prêmio "Letras Fluminenses" de Poesia

Dentro de duas semanas, a entrega dos prêmios — No Palácio do Comércio, a solenidade



O Patrocinador — Walter Moreira Carneiro, entusiasta das cousas literárias, patrocina anualmente o Prêmio "Letras Fluminenses" de Poesia

Concedido o Prêmio "Letras Fluminenses" de Poesia deste ano, que é, como se sabe, patro-

cinado pelo Sr. Walter Moreira Carneiro, chefe da firma Moreira Carneiro & Cia. (Moreira dos Cofres), duas outras firmas desta capital decidiram outorgar prêmios em dinheiro também aos 2º e 3º colocados na classificação final do concurso. Assim, além do poeta Manoel J. Silva Pinto, cujo livro "Verde e Azul" conquistou aquele galardão, no valor de Cr\$ 5.000,00, oferta de Moreira Carneiro & Cia., também os poetas Pedro Luis Masi e Francisco Manoel da Rocha Filho tiveram seus livros "Notas na Velha Província" e "Dezenove Poemas" distinguidos com os prêmios, respectivamente, de Cr\$ 3.000,00, oferta do Banco Predial do Estado do Rio, e Cr\$ 1.000,00, oferecido pela casa Moreira Eletrônica, da Rua da Conceição n. 95.

Esses prêmios serão entregues em solenidade simples, que se realizará no Palácio do Comércio, possivelmente



Os Premiados — Manoel J. Silva Pinto, cujo livro "Verde e Azul" mereceu o Prêmio "Letras Fluminenses" de 1954, e Pedro Luis Masi, que obteve o 2º lugar com o livro "Notas na Velha Província"

dentro desta quinzena, em dia que será amplamente anunciado. Estarão presentes os premiados, bem como os membros da Comissão Julgadora, além dos representantes das firmas patrocinadoras do concurso. Estão sendo convidadas autoridades, intelectuais e pessoas

interessadas em geral. Podemos, assim, graças à singular compreensão de ilustre comerciante niteroiense, o Sr. Walter Moreira Carneiro, que nos surge como novo Marcenas, mobilizar arraiais da inteligência para o trabalho de difusão da literatura entre nós.

Notícia de Jornal 1: Anúncio do resultado do Concurso "Letras Fluminenses de Poesia".

Primeira página do Suplemento Cultural do jornal "O Estado", Niterói, 1954. Acervo do autor

## **Notícia prévia**

### **I – São versos premiados**

“Letras Fluminenses”, periódico niteroiense, na sua edição final de 1954 (Novembro-Dezembro), deu em grande realce amplo noticiário, ilustrado de clichês, sobre o Prêmio Letras Fluminenses de Poesia.

Dali copiamos o seguinte:

“A comissão Julgadora do Prêmio Letras Fluminenses de Poesia, composta dos intelectuais Darcy Damasceno, Stefan Baciú e José Landim, conferiu o referido prêmio ao escritor campista Manoel Joaquim Silva Pinto, - que o recebeu por intermédio do Dr. Carlos Imbassahy, por não ter podido deslocar-se de Campos, onde reside...”

Quase 50 originais, vindos de todos os quadrantes do país, concorreram a esse prêmio...

A solenidade de entrega se realizou no dia 16 de outubro, no Palácio do Comércio”.

## **II - Conceitos de um dos juízes**

“O Estado”, o conhecido diário da capital fluminense, dedicou toda uma sua página cultural a esse concurso, na edição de 21 de setembro de 1954<sup>1</sup>. Aí foi transcrita a ata do julgamento, e os veredictos de cada um dos juízes.

Do parecer do conhecido poeta modernista Darcy Damasceno, transcrevemos:

“O único livro, de quantos submetidos a julgamento, que realmente se mostra acabado como obra de arte, é o “Verde e Azul”...

Esses originais vêm evidenciar que o mais alto grau da afetividade pode ainda ser emprestado à linguagem da poesia tradicional. E que as formas poéticas não caducam, pois se permitem constante renovoamento, desde que manejadas por quem lhes saiba dar um aspecto de modernidade, que lhes tire o sabor gasto.

Essa coletânea distingue-se pelo conhecimento do idioma; pela afetividade da linguagem; pela modernidade emprestada à forma da redondilha maior; pela superação da dificuldade do manejar-se a redondilha no esquema do soneto; pela sinceridade, evidenciadora de aproveitamento de vivências reais, e não livrescas; pela cor local, que faz o livro bem brasileiro, apesar do seu espírito universal; pelo tom intimista, evocador, mas não exacerbadamente subjetivo; pela feição popular, mas não vulgar; e pelo poder de comunicação através de todas as peças”.

---

<sup>1</sup> Os grifos são do autor. Na edição penúltima, também de 1973, ele deixara a seguinte data após este conceito: Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1954.

## Se não é, feche logo o livro

(Intróito do “Verde e Azul”)

Antes dos versos, convém esta pergunta ao leitor eventual, que está começando a folhear o volumito:

- Vosmecê ainda é guri um pouco, — seja qual for a sua idade nas certidões?

Se não é, não vai encontrar sabor no livrinho. Feche-o logo, largue-o de mão.

Vai achar prosaicos vários lanços. Dirá que há comestíveis em demasia para uma coletânea de versos, o que os entes familiares vêm evocados com familiaridade excessiva para a poesia. E terá razão, dentro do espírito da estrita maturidade.

Mas ao divulgar estes poemas não viso leitores desse estilo. Faço-o é para aqueles que, seja qual for a sua idade exterior, são capazes ainda de viver interiormente a infância. Para os que ainda trazem consigo, — talvez bem oculta para não infringir os padrões convencionais do “normal”...

Quem não tiver sido criança profundamente (mas haverá isso?) ou quem já não se lembre bem de quando era criança, pouco achará a seu gosto nestes poemetos, muito pouco. Ou mesmo nada.

..... / .....

É bucolismo de tom quase simplório. Em ritmo que é o mais espontâneo da poesia em nossa língua: o mesmo das trovinhas populares.

Miniaturas carinhosas, onde se fixou apenas o essencial das emoções do garoto na praia de Grussaí, — que foi o seu paraíso terrestre, dois meses em cada verão, e por muitos verões seguidos. Redondilhas fragrantas de maresia e de ervinhas pisadas. Brotando de saudades que eram das mais fundas na memória.

Evoco os mais longínquos veraneios de que me recordo, quando os fazíamos na casa da Vovó. Quer pelo jeito da casa, quase miúda, e particularmente conchegada; quer pelo admirável bem-querer que me votava a sua dona; e por esses terem sido os meus anos de infância mais infantis deveras. Os de um “coração” terrivelmente de amor, e ainda não golpeado a fundo por este mundo substancialmente, nuclearmente odiento.

Por tudo isso, ficou sendo esse o ambiente mais entranhado nos afetos retrospectivos do poeta.

..... / .....

Embora cada sonetinho tenha sentido integral, formam eles um conjunto coeso. E será de nítida vantagem para sua plena compreensão emotiva lê-los na ordem mesma em que estão. É capital o efeito global, de “atmosfera”, — que não será tão sensível a quem ler salteando. Porque, salvo uns poucos, (principalmente

“Chuva”), eles fixam momentos consecutivos. Espelham um dia cheio, completo, do pirralho traquinas que bebia a vida circunstante avidamente, pelos sentidos como pelos sentimentos.

..... / .....

Acabo de advertir com toda a clareza o leitor abondante. Somente se decepcionará se, tendo índole inadequada ao tom do livrinho, teimar em ir além desta página.

Apenas perceberá uma zoeira enfadonha, ao levar ao ouvido esses brunidos búzios nacarados, — dentro de cujas volutas marulha, rolando ondas e ventos, uma saudade oceânica.

Manoel Joaquim

**N.B.**

Sobre o “Vosmecê”, tratamento com que me dirijo ao possível leitor, ver considerações no Apêndice.

## **Do consagrado poeta J.G. de Araújo Jorge**

(o mais lido dos atuais vates brasileiros)

O Monitor Campista, em sua edição de 6 de Agosto de 1956, estampou longo artigo (em forma de carta ao autor) desse poeta justissimamente famoso, sobre a coletânea *Verde e Azul*.

Aí figuram, entre muitos outros louvores, estes, especialmente significativos:

Você conseguiu transfigurar em poesia o cotidiano. Esse Verde e Azul são asas de borboletas, agitando-se aos nossos olhos, num bailado emocionante.

Pequena obra de arte, mas grande pela emoção. Pelo lirismo de algumas peças, pelo tom pictórico de outras, pela riqueza de sutis detalhes.

São telas diminutas de uma grande força de colorido.

Alguns dos sonetinhos foram gabados mais particularmente, analisados pela mão desse poeta de largo estro, com elogios específicos: “A casa”, “Saudades táteis”, “Saudades olfativas”, “Seu João Rangel”, “Flores silvestres”, “Primícias”, “Poente ao longo dos brejos”, “Céu estrelado”, tiveram essa honraria.

E o grande, verdadeiramente grande J.G., artista múltiplice, polifônico, escreveu mais estas coisas desvanecedoras:

Você pode estar satisfeito, por ter atingido em alguns dos sonetinhos o objetivo obra-prima.

E é extraordinário ter conseguido esse resultado com 14 versos heptassílabos apenas.

É um pequeno grande livro.



## Índice

Notícia prévia .....	69
Se não é, feche o livro .....	71
Louvores do grande J.G. ....	74
Epígrafe .....	81
Dedicatória .....	83

## Os Sonetinhos

I Nestas praias de límpidas areias .....	85
II A casa .....	86
III Saudades táteis .....	87
IV O despertar .....	89
V Rumo ao banho de mar .....	90
VI Colhendo conchas .....	91

VII No velho armário .....	92
VIII O bule da bisavó .....	94
IX À procura de cajus .....	95
X Tapete de folhas secas .....	96
XI De volta dos cajuais .....	97
XII Saudades gustativas .....	99
XIII Travessuras sola a pino .....	100
XIV O caderno das receitas .....	102
XV Mate queimado .....	103
XVI As ressurreições .....	105
XVII Saudades olfativas .....	106
XVIII O <i>etagér</i> .....	108
XIX Seu João Rangel .....	109
XX As castanhas de caju .....	110
XXI Chuva .....	111
XXII Fim de sesta .....	112
XXIII Flores silvestres .....	113
XXIV A louça reminiscente .....	114
XXV Primícias .....	115
XXVI Poente ao longo dos brejos .....	116
XXVII Papai vem hoje .....	117
XXVIII Acende-se o lampião .....	118
XXIX Lua cheia na varanda.....	119
XXX Cantigas ao luar .....	120
XXXI Céu estrelado .....	121
XXXII Saudades auditivas .....	122
XXXIII Quase pegando no sono .....	123

## **Anexos:**

I A forma esferoidal .....	127
II Poesia condensada .....	129
III Conceitos sobre a coletânea, em cartas de escritores amigos, Relimagem ainda em 1973 .....	131



## Epígrafe

*O fito da arte é salvar da perda incessante as flores  
e os frutos da vida, recolhendo-os noutra vida, onde sua  
beleza se liberta dessa fragilidade mortal.*

*André Rousseau*

*J'ai dit: "La vie méchante!"  
L'éche m'a répondu: "Chante!"*

*Th. Botrel*

---

<sup>1</sup> Tradução e comentário do autor: Eu disse: "A vida é malvada! O eco me responde: "Canta"! (Evidentemente em português não é possível rimar isso, nem existe eco possível!)



**Vovó Iaiá: Branca Saturnino da Silva Pinto, avó paterna do autor. Com a filha Maria Izabel (Tia Bebela), Branca hospedou o neto em inúmeras temporadas de verão na casinha de Grussaí. O autor deixou manifesto seu grande afeto por essa avó em várias cartas, bilhetinhos e anotações.**

Acervo do autor

## Dedicatória

*Vovó laiá,*

*Este livrinho é seu. Naturalmente.*

*Não sei se onde a senhora se encontra agora terá notícia dele. Se não, há de tê-la um dia.*

*Nem era necessária quase esta dedicatória, pois a senhora figura aqui, a bem dizer, em todas as páginas: onde não expressamente, está implícita.*

*E não creia que eu imagine retribuir dignamente com estes sonetinhos, - por mais comovidos que os compusesse, - ao imenso do seu afeto, inteiriço, sem um minuto de fraquejamento em trinta anos de bondade para comigo.*

*Manoel Joaquim*



J

*“Nestas praias de lmpidas areias...”*

(Primeiro verso de uma canção em voga no começo do século XX)

Toada elísia, que brotas  
do imo<sup>1</sup> de mim no ante-sono,  
quando é mais negro o abandono  
de tantas chagas ignotas!

Na rede – um eóleo trono –  
maternas dormentes notas ...  
e ao fundo as canções remotas  
do mar — grandioso entono!

Azuis romanças românticas  
junto com as ânsias atlânticas...  
Os anos não as consomem.

E o que aquecia a franzina  
alma, às vezes ainda nina,  
à noite, as agruras do homem.

---

<sup>1</sup> Nota do autor: pôr N.B. sobre “imo”, e “eóleo” e mesmo “entono”. Que “ao fundo”, é fundo musical, não era “aos fundos” isso. Era de dia.

## II

### *A casa*<sup>1</sup>

Dentro e fora, ideal brancura,  
— para a saúde reinar<sup>2</sup>.  
Telha-vã na cobertura,  
— para o vento flautear...

A varanda singular,  
de metade semi-escura,  
— para as falas de doçura  
e os momentos de sonhar....

Só uma sala,- onde a almoçar  
vemos os anuns gralhando  
na fluida efusão solar<sup>3</sup>.

Tudo bem simples e brando,  
— para a Ventura, chegando,  
ter tentação de ficar.

---

<sup>1</sup> A casa a que o autor se refere é a casinha de veraneio de seus avós Manoel Joaquim e Branca situada ao final da atual Av. Liberdade, em Grussaí. Partes da construção ainda permanecem de pé. Diz ele em glosa: É a casinhola de Vovó laiá, onde meus pais fizeram seus veraneios até os meus 6 anos, e continuou a ser a minha predileta no resto da infância.

<sup>2</sup> Nota do autor: O J.G. não viu nexos entre a saúde e a cal pura (O brancreio total). Isso é meio sutil.

<sup>3</sup> Em outras versões, são usadas as palavras “bela” e “enorme” ao invés de “fluida”.

III  
*Saudades e teus*

Eu não teria suposto:  
o esperto frescor sadio  
da água do jarro alvadio<sup>1</sup>  
freme ainda hoje em meu rosto.

E o suavíssimo gosto,  
o indivisível amavio  
da brisa ante o céu macio  
e requintado, ao sol-posto?

E o grosso ferver de espumas  
- nuvens de lírios e plumas –  
por entre as ondas, cedinho?

E a rede lânguida, qual  
o flexuoso carinho  
de um regaço maternal?

---

<sup>1</sup> Nota do autor: Não havia pias, eram bacias. Não se dormia em redes, era na varanda.



**Jarro Francês: Jarro de água de Branca Saturnino da Silva Pinto (Vovó Iaiá), mencionado no Sonetinho nº III.**

Foto de Claudio Pereira Pinto, 2005

# *N* *O Despertar*

De leve, a manhã me chama  
Pelas frestas da janela.  
Um bem-te-vi tagarela  
nas telhas: “Vem! Que programa!”

Um friinho! A gente apela  
por mais um tico de cama.  
Mas Vovó mexe a chinela...  
e o espelho, com o sol, se inflama!

Lépido, o petiz se veste,  
já com uma sede insofrida  
dos rubros, verdes e azuis,

Dos cheiros do mundo agreste<sup>1</sup>,  
do movimento... Oh, a vida:  
que festa de sons e luz!

---

<sup>1</sup> Em outra versão, “ambiente” ao invés de “mundo”.

V  
*Rumo ao banho de mar*

Titia olha relva, à cata  
de algum malmequer friento.  
Um grilo, a cada momento,  
se exhibe como acrobata.

Longe ainda, esparso ao vento,  
já o mar as almas dilata.  
Aranhóis de etérea prata  
fulgem, sutis, — mais de um cento!

Que jóias! A noite fê-las  
tecendo a luz das estrelas,  
e aí prendendo, a oscilar,

gotas da sua alma ardente;  
e as deu ao Sol de presente,  
para as beber com o olhar!

VI  
*Colhendo conchas*<sup>1</sup>

O nácar desta nos brinda  
com um sorriso da aurora.  
Que lilás nesta! Esta, linda:  
neve que, tímida, cora...

Vê esta: rara! Esta agora:  
rendada! Um búzio! que ainda  
os bons tempos rememora,  
em funda<sup>2</sup> cantiga infinda..

Mas... como hoje o mar se empina!  
E espuma, e exalta o seu brado!  
Que escarcéus ameaçadores!

Ora! esse velho sovina,  
ralhando desesperado  
co'os guris que furtam flores...

---

<sup>1</sup> Nota do autor: Note bem que dantes havia mais conchas lá. Que eu saiba, agora há muito menor variedade de conchas em Gruçai. Parece que os moluscos se afastam das praias ruidosas, muito freqüentadas.

<sup>2</sup> Em outra versão: "triste"

VII  
*No velho armário*

Tudo no coitado atesta  
Que já tem seus cem anos.  
Vidros da porta? Um só resta,  
Dos oito; em vez deles, panos.

Trastes... antediluvianos  
sonham, em modorra honesta...<sup>1</sup>  
Mas, perito em seus arcanos,  
o neto<sup>2</sup> sempre o requesta.

Aí mora a canoinha  
com a qual seu pai, quando tinha  
a mesma idade, brincava.

Oh, que emoção, quando vai  
lançá-la na onda brava -:  
sentir-se irmão do Papai!

---

<sup>1</sup> Em outras versões: Eis numa modorra honesta / trastes... antediluvianos.; Trastes antediluvianos / ei-los em modorra honesta...

<sup>2</sup> Glosa do autor: Neto da dona do armário, bem entendido.



**O Bule da Bisavó: bule de ágata que pertenceu à bisavó paterna de Manoel Joaquim, Maria Saturnino Braga (Vovó Iaiá).**

Foto de Claudio Pereira Pinto, 2005

VIII  
*O bule da bisav*

Encarna a Reminiscência.  
Continua monarquista.  
Perdeu, em rixa imprevista,  
os três pés, sob a Regência.

E a tampa? Quebrou-lhe a crista  
com aquela horrenda insolência.  
Deodoro. E ainda se enrista,  
em dorida intransigência.

Azul e branco, se afina  
com a bandeira bragantina.  
Tem gostos feudais, até.

Triste, sem um naco da asa,  
até o fim só quer café  
torrado e pilado em casa<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Nota do autor: A Vovó ainda usava mesmo o tal bule. E torrava o café lá! Grãos seletos – era café ótimo”.

Em outra versão: E de fato minha avó só usava lá café assim. Grãos selecionados por ela, torrados peritamente, e socados depois num pilão – no que sempre ajudei bem. Café como nunca mais tomei!.

## IX *À procura de cajus*

Cavalga o trêfego<sup>1</sup> bando,  
entre as capoeiras<sup>2</sup>, lá vai...  
Atrás, o mais novo: “Ai!  
pára! Um galho me agarrando!”

Depois, um relho estalando  
súbito. — “Eu conto a Papai,  
bandido!” O outro, zombando:  
— “Bom cavaleiro não cai...”

As cores, como as cigarras,  
bem-te-vis e gaturamos,  
fazem ricas algazarras.

E em tropel, nós, entre os ramos  
e as borboletas bizarras,  
chalrando também, lá vamos...

---

<sup>1</sup> Em outra versão: “... o endiabrado bando”.

<sup>2</sup> Nota do autor: Papai tinha uns 8 cavalos (no auge). No sítio paterno, havia muito mato em capoeiras, muito cajueiro esparso.

X  
*Tapete de folhas secas*

Roncos de ônibus e bonde,  
ânsias<sup>1</sup>, horários, poeira,  
— esquece nesta capoeira,  
onde a Poesia se esconde.

Algum mangangá que ronde  
não te assuste. O sol peneira  
trêmula renda ligeira<sup>2</sup>  
entre os cicios da fronde.

Uma ave pia, tão mansa!  
Vem! A alma inteira descansa  
nesta penumbra aromada.

Em torno há cores canoras;  
aqui, te espera às 10 horas  
um resto da madrugada.

---

<sup>1</sup> Em outra versão: “frenesis” no lugar de “ânsias”.

<sup>2</sup> Em outra versão: “uma renda áurea ligeira”.

XI  
*De volta dos cajuais*

De novo, o meigo telhado,  
no lindo azul da manhã;  
e o vento, com sua sã  
fragrância de mar e prado.

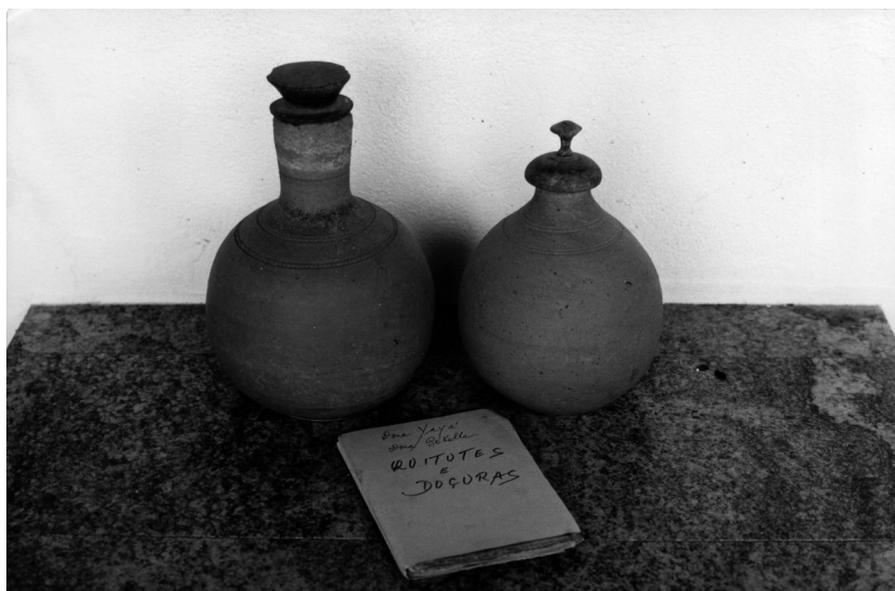
A um desafio da irmã,  
mesmo com cestas a um lado  
eis-nos num páreo gritado<sup>1</sup>,  
na mansa restinga chã...

Chegamos. Cá fora mesmo  
um convidativo aroma  
de acará frita e torresmo.

Ouvindo a horda bulhenta,  
Vovó à janela assoma,  
sorridente e suarenta.

---

<sup>1</sup> Nota do autor: Observar o detalhe do páreo final na restinga. E ainda: Até este 11º soneto, fiz 49 retoques para suprimir sinéreses.



**Talhas pertencentes à Vovó Iaiá: Na primeira metade do séc. XX, Grussaí ainda não possuía abastecimento de água pública. As casas eram abastecidas com água trazida de cacimbas e armazenada em talhas e moringas de barro.**

Fotografia de Claudio Pereira Pinto, 2005

XII  
*Saudades gustativas*

Siris gordos, com farinha  
e trinos de sabiás...<sup>1</sup>  
Os gluglus da água fresquinha  
das talhas patriarcais...

Doce algodão, que se apinha  
no riso alvo dos ingás...  
melancias ideais,  
onde uma aurora se aninha...

Fáceis enlevos da idade!  
Mas que pungem de saudade  
quando os rememoro a sós.

Pois o seu melhor sabor  
era, a embebê-los, o amor  
da mais terna das avós.

---

<sup>1</sup> Nota do autor: Sobre as árvores nos fundos, a poucos metros.

XIII  
*Travessuras sol a pino*

O sol tenteia a amplidão.  
Que fará o garoto inquieto?  
Neste silêncio completo,  
socar capim no pilão<sup>1</sup>?

Ou bancar o ótimo neto,  
passando “a limpo” (irrisão!...)  
no seu cursivo incorreto  
certo canhenho ancião?

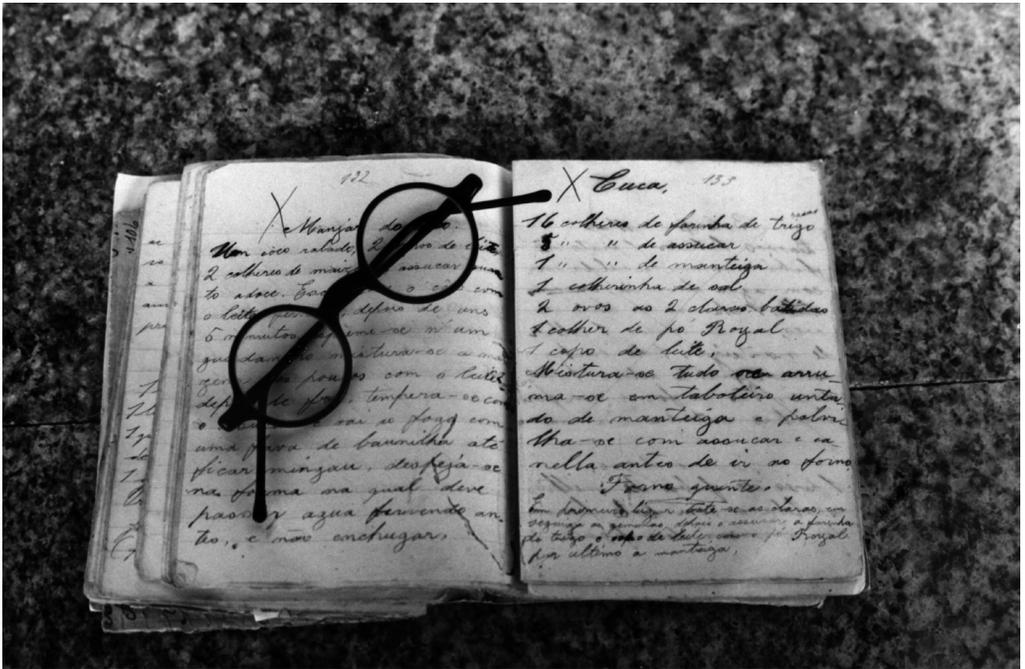
Ou perseguir maribondos,  
Assustando, com os estrondos,  
a avó: — “Meu Deus”, os rebocos!”

Ou, lá atrás<sup>2</sup>, ver se há ingás,  
— gozando os apupos loucos  
dos anuns nos sabiás?

---

<sup>1</sup> Nota do autor: O pilão de moer café torrado: num grande cepo, cavidade cônica.

<sup>2</sup> Em outra versão: “nos fundos”



Caderno de Receitas: Caderno de Branca Saturnino da Silva Pinto (Vovó Iaiá) e óculos da mãe do autor, Hélvia Torres da Silvia Pinto.

Foto de Cláudio Pereira Pinto, 2005

XIV  
*O caderno de receitas*

Os régios tempos evoca  
da perícia feminina!  
Para os “gourmets<sup>1</sup>” ... oh! que mina!  
Que água na boca provoca!

“Manuês de Miquelina”...  
“Rosquinhas de Prima Doca”...  
“Cucas de Dona Xandoca”...  
“Os quindins de Nhá Delfina”...

Há pesos em libra e onça...  
São várias caligrafias.  
A velhice o desengonça.

Abro-o: dele se ala um bando  
de olhos e falas macias,  
em cabeças branquejando...

---

<sup>1</sup> Nota do autor: “Gourmet”. Observação: o autor não completou a nota. Provavelmente justificaria, como de outras vezes, o uso da palavra francesa e seu sentido.

XV  
*Mate queimado*

No alpendre, o carinho alado  
do nordeste ... Vem, ó gente,  
fruir o mate aromado,  
nesta ebriez indolente.

No infindo combro insolado,  
tremula o ar, azulmente ...<sup>1</sup>  
Dulçor morno e languescente  
descendo o peito enlevado!

Euforia dos sentidos ...  
Os corações, tão unidos...  
Consciências tão em paz...

Os olhos se delíam  
nos cirros, que se desfiam,  
alvos, ténues, ideais ...

---

<sup>1</sup> Neste verso, o autor emprega um asterisco e, em rodapé, escreve: "Pede N.B.", mas não completa a intenção. A lápis, abaixo do poema, tem-se a observação: Só em fogão de lenha.



**Pilão e Coador de Mate. Objetos referentes às “saudades gustativas e olfativas” de Manoel Joaquim.**

Foto de Claudio Pereira Pinto, 2005

XVI  
*As ressurrei es*

Na varanda, enquanto a linha  
posponta a fazenda escura,  
Vovó conta, com ternura,  
coisas de quando mocinha.

O traquinas se pendura  
na lenta voz, que caminha  
passado a dentro ... e se aninha  
numa perfeita ventura.

Solar de trinta janelas!  
dois pianos! – Oh, aquelas  
festas da família intensa!

E o guri sonha, a fitar  
além, sob a luz imensa,  
o azul sonhador do mar...

XVII  
*Saudades olfativas*

Cheiro úmido e violento  
do banho nas frias vagas,  
enchendo as infindas plagas  
com teu poderoso alento!

E tu, odor denso e lento  
de café torrando! Embriagas,  
com as mornas volutas vagas,  
a casa inteira, no vento...

E tu, aroma seivoso,  
selvagem e penetrante,  
dos cajus, rubros ou flavos,

— pondo ali todo orgulhoso  
o velho etagér, zoante<sup>1</sup>  
de insetos crespos e bravos<sup>2</sup>! ....

---

<sup>1</sup> Em outra versão: “ressoante”.

<sup>2</sup> Nota do autor: ... maribondos de 3 a 4 tipos.



Étager e Louça da Avó. Móvel de jacarandá e parte da louça “reminiscente”  
(Casa de Lúcia Pinto de Castro, em Grussaí).

Foto de Claudio Pereira Pinto, 2005

XVIII  
*O etag r*

Em cima conchas estranhas,  
o fraternal<sup>1</sup> bibelô,  
coquinhos, ingás, castanhas,  
copos da era do Avô.

Nas rangedoras estranhas  
toda a louça que restou,  
estropiada, das sanhas<sup>2</sup>  
do Tempo – que te alquebrou.

Bem te sinto as nostalgias!  
Se evoca teus grandes dias,  
alvo em tua alma se aperta.

Cessando todas as falas,  
suspiras de manso: estalas  
leve, na sala deserta...

---

<sup>1</sup> Em outra versão: “afetuoso”.

<sup>2</sup> Nota do autor: Lá na roça, estavam louças modestas.

XIX  
*Seu Jo o Rangel*

O sol da roça emparelha  
Co'a idade, em vincar seus traços;  
nos olhos, já meio baços,  
a lealdade se espelha.

Mal chega, prende na orelha  
o cigarro, — dos escassos;  
e em breve fulge a centelha,  
nos “causos” de rede e laços.

Soberbos tiros em pacas,  
façanhas com jararacas,  
— que esquece que já contou ...

E remata os incidentes  
com o riso quase sem dentes,  
— já fiel a meu avô.

XX  
*As castanhas de caju*

À admirável Nôrinha

Em torno a “cambada” opina,  
freme, em alarido ansioso.  
No braseiro, vaporoso  
o lote escuma e rechina.

Umas, co’ um salto nervoso,  
jorram flamante resina.  
— “Cuidado! Os olhos, menina!<sup>1</sup>  
Que aroma! É já antegozo ...

Finda a festa de fagulhas,  
a mais vivaz das tertúlias.  
É bater, que a amêndoa sai.

— “Mas vamos ser bem direitos,  
pessoal! As sem defeito  
guardamos para Papai!”

---

<sup>1</sup> Nota do autor: Era ao ar livre, do lado contrário do vento reinante.

XXI  
*Chuva*

Sussurra água no telhado,  
infiltrando sonolência.  
O vento sul, obstinado,  
força as frestas, com plangência.

Titia faz “paciência<sup>1</sup>”  
com o baralhinho mimado.  
Vovó rumina o passado.  
— “Demora o café, Florência?”

Meu livro amigo! Eu me afundo  
noutro, fantástico mundo,  
de prodigioso encanto.

... Mas... aos poucos... me domina  
o sono ... É desse acalanto  
sobre as telhas... em surdina ...

---

<sup>1</sup> Nota do autor: Tia Bebela não queria saber de nenhum jogo de cartas – só as suas paciências – nas fases de chuvas longas. (N. da org.: hábito que cultivou até o final da vida).

XXII  
*Fim de sesta*

O carro de bois demanda  
a vila, com lenha, e chia,  
areias em que anda,  
sua eterna nostalgia...

Findo a madorna macia  
na rede ampla da varanda.  
que sol enche a pradaria!  
lá dentro, uma lida branda...

Na porta, na frincha fina,  
a brisa afila em surdina  
flautins de sutil tristeza.

Mas Vovó abre-a: "Meu filho,  
vem, o café está na mesa.  
E eu fiz pocas de polvilho."

XXIII  
*Flores silvestres*

Oh, a sangüínea risada  
fresca das espirradeiras!  
E as olhadelas brejeiras  
dos malmequeres, na estrada?

E a tenra seda nevada  
das poias? E as faceiras,  
as principescas maneiras  
da flor-do-cardo, altanada?

As boas-noites, viúvas  
chorozinhas sob as chuvas<sup>1</sup>,  
pelas campinas, ao léu?

A humílima trapoeiraba?  
E há gente que menos caba  
essas gotinhas do céu<sup>2</sup>!

---

<sup>1</sup> Em outras versões: “mais ternas por sob as chuvas”/” mais felizes sob a chuva”.

<sup>2</sup> Nota do autor: A relativa solidão de então aguçava a atenção para encantos miúdos.

XXXIV  
*A lou a reminiscente<sup>1</sup>*

Das janelas do poente  
o sol vem participar  
no achego familiar  
do sóbrio jantar contente.

Ri, sadio, lindamente  
na toalha, e vem brincar  
com a louça reminiscente  
que já morou num solar<sup>2</sup>.

Eu o imagino sonhando  
ao pousar no venerando  
copo, talhado em bisel,

onde, enquanto se sorriam,  
Vovô e Vovó bebiam,  
durante a lua de mel.

---

<sup>1</sup> Em outra versão: "Louça cheia de saudade".

<sup>2</sup> Nota do autor: Casa de fazenda (usineiro). Era o tempo das toalhas somente brancas.

XXV  
*Primícias*

Como a noite se avizinha,  
as moças em veraneio,  
após o usual passeio,  
juntam-se em frente à igrejinha<sup>1</sup>.

Na relva o bando se apinha  
sentado em roda. Um gorjeio<sup>2</sup>!  
E eu, com dez anos, tão cheio  
de envelo por Marizinha.

Titia a supor que apenas  
vou por ter de acompanhá-la...  
Sim, se a brejeira não fosse.

Mirar-lhe as tranças morenas...  
Calado beber-lhe a fala...  
Nunca houve nada tão doce!

---

<sup>1</sup> Nota do autor: A capelinha até 1924 ou 25. Havia relvado na frente.

Glosa do autor: Era uma capela miúda, com altar único, uma só estatueta, a do orago. Em frente, a restinga era um pouco mais baixa e quando chovesse o local era ideal para a “roda”, por ter uma graminha viçosa.

<sup>2</sup> Nota do autor: Jogos de ‘amigo ou amiga?’ e ‘retrato’. Hoje, em falta de conversa animada, liga-se logo rádio ou televisão.

XXVI  
*Ponte ao longo dos brejos*

Tintas que o Sol esmaece,  
de quintessência imprevista  
A água as copia; parece  
em êxtase ante esse artista.

Tudo é enlevo para a vista.  
Como a sonhar apetece  
neste ambiente de prece  
que mansamente contrista!

Ao longe, aboios dolentes,  
fundos mugidos plangentes,  
sob os já tênues azuis...

Parecem-nos a tristeza  
musical da natureza  
a despedir-se da luz.

XXVII  
*Papai vem hoje!*

Todo verde se sombreia  
na camparia. A blandícia  
dos tons do sol, que rareia,  
Mamãe a frui com delícia<sup>1</sup>.

Por tudo a brisa passeia  
a eterna esquiva carícia,  
Titia — a hora é propícia —  
faz dois corações na areia...

“Não virá mais?” — as rasteiras<sup>2</sup>  
incontáveis pitangueiras  
já se fundem no areal.

Enfim! No combro sombrio  
surge um cavaleiro esguio<sup>3</sup>,  
co’ um aceno jovial!

<sup>1</sup> Nota do autor: ... o monte de areia e o gosto de Mamãe por paisagens. Mamãe aparece pouco porque centrei o conjunto na casa da Vovó.

Glosa do autor: Minha mãe dava apreço excepcional a todo encanto de paisagem, mesmo pequenas diferenças de matizes. A chegada de nosso pai nos sábados – sempre a cavalo, de botas e chapéu alto – era episódio marcante.

<sup>2</sup> Nota do autor: “... rasteiras por causa do vento”.

<sup>3</sup> Nota do autor: “... ‘esguio’ – naquela idade”.

XXVIII  
*Acende-se o lampião*

A sombra adensa<sup>1</sup> lá fora.  
Já Vésper, tímida, espia  
num céu de pérola, agora  
de uma pureza alta e fria.

Uma cigarra inda esfia  
a sua fita sonora,  
nesta fluidez de elegia.  
Vovó, em silêncio, ora.

Eis que um fósforo crepita<sup>2</sup>.  
A chama treme, palpita,  
na torcida em ascensão.

Rostos e móveis antigos  
inda ficam mais amigos  
com este ancestral clarão.

---

<sup>1</sup> Nota do autor: Em geral, o verbo 'adensar' é usado pronominalmente – 'adensar-se' – mas pode ser também assim, sem o se. Autorizado por figurões.

<sup>2</sup> Nota do autor: ... o lampião a álcool só entrou em 1926 – donde os bailes ficaram gerais (com as mana-chicas de Papai etc...).

XXXIX  
*Lua cheia na varanda*

Da rede meiga, Titia  
conta um vivaz incidente.  
Mas a fala gradualmente  
cessa; tudo silencia.

É que a lua principia  
a encher o plaino dormente  
com sua luz transcendente,  
sua mística poesia<sup>1</sup>.

Que paz sublime! Só o vento  
se move, neste momento  
de um fascínio sobre-humano.

Faz mais augusta a beleza,  
completando-lhe a grandeza  
com o hálito do Oceano.

---

<sup>1</sup> Nota do autor: Luar só houve mesmo completo lá antes da luz elétrica.

XXX  
*Cantiga ao luar*

Deliciosa tristeza!...  
Nobre e pungente doçura,  
na melodia, tão pura,  
finamente camponesa<sup>1</sup>.

O guri tem a alma presa  
nessa teia de ternura,  
sob a inefável brancura  
que extasia a natureza...

O coração pulsa, cheio  
de um langue, turbado anseio  
de querer bem e... voar!

E a voz alva de Corina  
torna ainda mais divina  
a noite, toda luar...

---

<sup>1</sup> Nota do autor: ... qual era a canção? E como antes do rádio, era muito mais valiosa a música.

*XXXI*  
*C u estrelado*

Do mar às matas, do norte  
ao sul, o mesmo portento:  
chispas, em doida coorte,  
latejam no firmamento<sup>1</sup>.

E o petiz: “Como é que o vento  
não apaga, assim tão forte,  
esse fogo?” — Ei-lo em transporte,  
em mudo deslumbramento.

A mãe, no alpendre amorável,  
explica-lhe... o inexplicável  
da abismal imensidão!

Ele fica inda mais pálido...  
E se achega ao peito cálido,  
— onde pulsa um coração.

<sup>1</sup> Nota do autor: Assim como não há luar com postes elétricos, não há estrelas.

XXXVII  
*Saudades auditivas*

Os quero-queros distantes  
gritando do poente vago...  
Vento nas frinchas, – o afago  
dos zunidos em cambiantes...<sup>1</sup>

Quando a chuva muda em lago  
as restingas verdejantes,  
à noite o choro pressago  
das rãs, em coros gigantes...

Papai, que em voz bem pensada  
debate com Seu João,  
na sala de luz cansada...

Voz que infiltra na criança,  
deitada, fina emoção,  
de firme, calma segurança<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Em outra versão: “de uma ária em flébeis cambiantes...”

<sup>2</sup> Em outra versão: “de uma serena / confiante segurança”.

XXXIII  
*Quase pegando no sono*

Olor de salsaparrilha  
na fronha tão bem gostada...<sup>1</sup>  
A cantiguinha riscada  
que um grilo esguio bisbilha...

Uma vela que inda brilha  
põe na parede caiada  
sombras de contos de fada,  
gigantes de maravilha!

Na vidraça, treme o vento.  
Vago, longíquo, o lamento  
solene e eterno do mar...

Um sono! ... E o menino pensa  
que aquela ventura imensa  
nunca devia acabar!

---

<sup>1</sup> Em outra versão: "Na fronha tão bem gostada...".

Glosa do autor: Minha mãe diz que certa fragrância especial que a roupa lavada tinha lá era devida ao influxo, na água, das raízes de uma plantinha rasteira, que uns chamavam de 'salsa da praia' e outros 'salsaparrilha' (teria razão?).



*Anexas*

# Um poeta campista eleito para a Academia Fluminense de Letras

## Empossado ontem, no Gabinete do Prefeito, o sr. Manoel J. da Silva Pinto

A Academia Fluminense de Letras, elegeu, unanimemente, seu membro correspondente em Campos, o sr. Manoel Joaquim da Silva Pinto, nosso distinto conterrâneo.

Sobre o assunto, recebeu o eleito a seguinte carta:

"Niterói, 28 de abril de 1943.

Exmo. sr. Manoel Joaquim da Silva Pinto.

Tenho o grato prazer e honra de levar ao conhecimento de v. ex. que a Diretoria da Academia Fluminense de Letras, em sua sessão de ontem, pronta e instruída a proposta do nosso ilustre confrade Thomé Guimarães, houve por bem eleger-vos seu membro correspondente.

O voto unânime que consagrou o joven intelectual campista atesta a certeza desta Casa no seu acerto e a sua confiança nos frutos felizes desta aproximação.

Com os meus parabens e os

meus melhores votos por um grande futuro, que tudo indica será brilhante, apresento os protestos do meu apreço e admiração.

Patricio e confrade — Arnaldo Nunes, 1.º secretario.

A esse respeito, Thomé Guimarães escreveu ao dr. Amaro José de Almeida, uma expressiva carta, encarecendo os seus officios junto ao prefeito municipal para que o ato da entrega tivesse caracter oficial.

O dr. Salo Brand, atendendo não só a se tratar da Academia Fluminense de Letras, como também da distinção conferida a um campista que muito se tem destacado pela sua cultura e invulgar talento, ontem, no seu Gabinete, perante diversos intelectuais, desobrigou-se dessa incumbencia.

O sr. Manoel Joaquim da Silva Pinto foi muito felicitado pelos presentes.

Notícia de Jornal 2: Recorte inserido na versão original sem indicação do nome do jornal.

Acervo do autor

## A fôrma<sup>1</sup> esferoidal

Será que devo me justificar de ter adotado em todos os poemas o molde fixo do soneto – matriz tirânica, mormente com versos curtos assim?

Apesar das dificuldades consideráveis a vencer, impostas pelo modelo, uniforme quer no ritmo, quer na extensão, quer na presença de rimas duplamente quádruplas, apesar de tudo creio não haver na série rimas forçadas, e outros indícios; se ao leitor, durante essa breve vilegiatura praieira, não ocorreu aquele símile de Afrânio Peixoto: de que o molde soneto é coisa pseudo-estética, sendo na realidade um instrumento de martírio, autêntico “borzeguim chinês”... Se assim foi, a justificação torna-se desnecessária. E se assim não foi, torna-se ela de eficácia bem duvidosa.

Mas não será inoportuno, a despeito disso, levar em conta o que se segue:

Flaubert dizia invejar os poetas porque só as composições

<sup>1</sup> É importante esclarecer aos leitores contemporâneos, vítimas de tantos acordos ortográficos, que a palavra “forma”, já possuiu acento circunflexo para indicar mudança de timbre e de sentido: “fôrma”, palavra que significava, entre outros sentidos, a imposição de normas poéticas a escritores. Por se tratar de uma edição crítica e, além disso, por ser relevante realçar a ideia que o autor quis transmitir, mantivemos neste título o texto tal qual foi produzido. O acento diferencial em “fôrma” foi abolido em 18 de dezembro de 1971, em decorrência da Lei n 5.765. Ilustramos a informação com versos de Manuel Bandeira que expressam inquietações semelhantes a Meljím em relação a certas normas rígidas da arte poética: “Vai por cinquenta anos/ Que lhes dei a norma/ Reduzi a cem danos/ A fôrmas a forma.” (*Estrela da Vida Inteira*, p.51)

em verso lhe davam a sentir uma realização cabal, na arte da palavra. “La prose n’est jamais finie!” — lastimava-se o prosador perfeito. Metro e rimas, eis o que lhe dava o sentimento da obra bem rematada, “accomplie”.

Ora, dentro da Poesia nada que dê tanto a impressão do completo, digamos no esferoidal, como o soneto. O propriamente dito, entenda-se, e não meras seqüências de 14 linhas, sem caracteres bem definidos nas sonoridades.

Em aguda análise estética, Auguste Dorchain esmerilhou admiravelmente as razões desse efeito de plenitude. Mas creio que ele é sentido naturalmente pelos que, tendo gosto para poesia, lêem sonetos (genuínos) também com os ouvidos – como é de obrigação quanto a versos ...

## **Poesia condensada**

(De uma carta ao confrade Aloísio Faria, em janeiro de  
1945)

Vai inserto um sonetinho simplório, inédito ainda.

Não tem o aristocracismo habitual na minha poesia, mas creio que não deixa de ser bem poético, de uma poeticidade captada no quotidiano. Gênero não tão fácil quanto pode parecer, pois tem um escolho onde se naufraga amiúde: o prosaísmo. É preciso fino trato para manobrar como timoreiro nessas recifentas águas. Acha que consegui esquivar-me a tais cachopos, nesse “Fim de sesta”?

Em soneto de redondilhas, por conseguinte ainda mais concentrado do que o soneto comum, as entrelinhas deviam conter algo. A colaboração imaginativa do leitor, com ponto de partida no explicitado, tem de ser mais vultosa.

Há leitores, de escol, que preferem assim: têm prazer no pequeno esforço que isso requer, e em se sentirem argutos. Para esses a estética do menor esforço, tão bem arrazoada por Spencer, não passa de um comodismo sistematizado, para burguesões flácidos...

**N.B.:**

Foi esse o primeiro “número” da série que foi composto. E ainda não estava em plano fazer um opúsculo todo nessa direção.

## **Conceitos sobre a coletânea**

(Em cartas de escritores amigos)

### **De Carlos Imbassahy**

I – Em bilhete de julho de 1951, - sobre o sonetinho “Acende-se o lampião”:

“Belíssimo. Pode figurar entre as nossas melhores poesias”.

II – Em carta de 14.XII.1951, - sobre a coletânea em conjunto:

“Estilo original. Difícil apontar o que há de melhor aí”.

### **N.B.:**

Carlos Imbassahy: líder espiritista, sobejamente conhecido, autor de dezenas de livros dos mais cotados da literatura especializada. Geralmente havido como a mais brilhante pena a serviço do espiritismo, em nosso país.

## De Nereu Corrêa

(Em 26 de dezembro de 1951)

A coletânea de sonetinhos, confesso que para mim foi agradabilíssima surpresa.

O gênero não é novo, mas é raro.

M. Bandeira definiu a poesia como sendo a permanência da infância em nossas almas.

Nesses sonetos há poesia até nos objetos evocados. As exigências da fôrma não diluíram a densidade lírica.

Li e reli.

Entre os melhores cito: "Saudades gustativas", "Rumo do banho de mar", "Catando conchas", "Chuva", "Fim de sesta", "Flores silvestres", "Cantiga ao luar", "Quase pegando no sono".

### N.B.:

Nereu Corrêa - um dos chefes de fila das letras catarinenses contemporâneas, autor do livro "Temas do nosso Tempo".

## De Hélio Teixeira I

(Em dezembro de 1951)

Sua "Meninice à beira-mar" (ou Verde e Azul) reúne sugestiva emoção e técnica admirável.

A tais qualidades, nesse belo trabalho, se junta ainda este mérito: você conseguiu com temas em geral ingratos, realizar jóias de sentimento e graça, - que são em maioria os sonetinhos.

**N.B.:**

Hélio Teixeira – Poeta e comentarista carioca, autor de duas coletâneas de versos, delicada sensibilidade.

### **De Hélio Teixeira I I**

Diz você que certo jornalista de mérito, inteligente e lido, não gostou desses versos. Ele pode ter méritos, mas como julgador de poesia não enxerga um palmo adiante do nariz. Dizer que são versinhos sobre bagatelas infantis, que só podem interessar à sua família?!

De bagatelas idênticas Victor Hugo realizou a obra prima que é “L’Art d’être Grand-père...”

Justamente na singeleza dos temas reside o maior mérito desse livrinho. Com isso v., sem esforço visível, conseguiu magníficos efeitos de arte.

O mérito de uma poesia não está só no assunto, mas também na técnica, e em tudo quanto constitui essa aptidão imponderável do verdadeiro poeta.

Então “Poente ao longo dos brejos” não corresponde a esse ideal? E há vários outros sonetinhos ótimos.

Mesmo sem entender nada de poesia, não sei como se pode chamar de “bagatelas da infância” a coisas como “Acende-se o lampião”, “Cantigas ao luar”, “Lua cheia”, “Quase pegando no sono”. Sonetos deliciosos. Com as idéias e sentimentos de um garoto cheio de imaginação. Assim também “Primícias”, “Travessuras sol a pino”, e vários outros, são verdadeiros primores.

## De Marúcia de Oliveira

(Em 26.1.52)

Li duas vezes os seus sonetinhos. Tão singelos, puros e vocativos que são!

Preferidos pelo meu gosto: “A casa”, “Saudades gustativas” (embora não me agrade esta palavra), “No velho armário”, “À procura de cajus”, “De volta dos cajueirais”, “As ressurreições”, “Fim de sesta”, “Céu estrelado”, “Cantiga ao luar”, “Quase pegando no sono”.

É adorável a simplicidade do conjunto.

### N.B.:

Marúcia de Oliveira: autora de um livro de contos<sup>1</sup>, e romance elogiado por Tristão de Ataíde em sua secção de Crítica periódica.

## De Newton Perissé Duarte

(Em carta de 29.1.52)

Deu-me você momentos de grande enlevo. Desse bem-estar produzido pelas verdadeiras obras de arte.

Ressai, nesse punhado de sonetinhos, tal sinceridade, que a gente sente uns vagos de indefinível ternura.

.....  
<sup>1</sup> O livro de contos foi localizado pelas organizadoras na Biblioteca Nacional. Chama-se “Fragmentos de Vida”, publicado em 1940, pela Editora Getúlio Costa, do Rio de Janeiro.

No dia em que mo enviou, eu tinha acabado de dar duas horas de aula, e receber alguns de matrículas; estava cansado. Peguei de ler o primeiro, fui ao segundo, e o interesse pelo trabalho só se satisfaz ao completar a leitura do último soneto.

Acrescento, contudo, que, se leio muito obras em verso, sou exigente, raras me agradam.

Ninguém fará melhor no gênero, Manoel Joaquim. Você criou uma série de quadros expressivos, cheios de encantadoras surpresas.

Já a praia de Grussaí terá seus encantos perpetuados, em estrofes que ficarão para sempre embalando a sensibilidade dos que a conhecem, ou criando atmosfera de coroável simpatia e interesse, naqueles que nunca a visitaram. Não tenha dúvida: seus versos viverão.

A série, com a distribuição que apresenta, está muito bem organizada. Marquei os que mais me agradaram, e coloco talvez em 1º lugar o intitulado “Chuva”.

**N.B.:**

N. Perissé – é esmerado filologista e músico logo eminente, autor de um largo volume sobre Azevedo Cruz, - ainda inédito – premiado pela Prefeitura de Campos.

## De Mário Newton Filho

(carta não datada, em 1952 ou 53)

Li, com interesse crescente o seu “Meninice à beira-mar”.

“Saudades Táteis”, “Chuva”, “Fim de sesta”, “O Etager”, “Poente ao longo dos brejos”, “Quase pegando no sono”, entusiasmam.

### **N.B.:**

M.Newton Filho – “Autor de Poesia nem sempre” e “Ilha solidão”, coletâneas onde há escritos de positivo mérito.

Transferindo-se do Rio para Campos, em breve se tornaria em nosso meio o líder de um movimento modernizador no campo da poesia. Além disso, jornalista, e professor de mais de uma disciplina.

## Sobre Verde e Azul

(Em setembro de 1973)

Suprimi mais de 50 sinéreses, que pelo meu critério atual eram ruins, forçadas, desarmônicas, - embora estivessem dentro da métrica tradicional no Brasil desde os parnasianos. (Tanto que nem o Hélio nem o Perissé me fizeram reparo a respeito).

Nem todos os sonetos tiveram que receber retoque por isso, mas alguns foram alterados por essa razão em dois e três lugares, e um o foi em quatro versos (“Saudades auditivas”)...

Não consegui porém eliminar todas as durezas acústicas;  
restam umas poucas:

ideal dissílabo, no soneto II

capoeira trissílabo nos sonetos X e IX

embriagas trissílabo nos sonetos XVII Etc.

(Nuns poucos casos os retoques não deixaram de diminuir  
um pouquinho a expressividade).



*Posfácio*

I

## É música

Versos não são pra ser lidos  
Só com os olhos. Por favor,  
leia também com os ouvidos.

**Sobretudo com os ouvidos.**

É capital, ó leitor!

Versos, os leitores sábios  
só lêem movendo os lábios.

Têm música os meus gemidos;  
e não menos os bramidos.

Mesmo a têm os atrevidos  
risos, que aliás, a rigor,

tal qual sucede aos bramidos,  
também eles são de Amor.  
O lado avesso do amor.

Além dos olhos, leitor,  
tão vários cantos de Amor,  
de um tão múltiplo Amor,  
que sejam também sorvidos por teus ouvidos.  
Gemidos, vaias, bramidos,  
Concerto multicolor.

Versos, os leitores sábios  
só lêem movendo os lábios.  
É essencial, por favor!

## II

### Prosa introdutória

Eis singelas redondilhas, fragrante de maresia e ervas pisadas. Bucolismo correntio, onde procurei o tom simplório, e o ritmo mais fluente da nossa poesia, o das trovas populares.

São pequenos esboços, concisos e precisos, onde quis fixar apenas o essencial das emoções da minha infância na praia fluminense de Grussaí, que era então para mim o paraíso terreno.

Tenho outras poesias inspiradas por essa praia. Mas estas redondilhas, “Meninice à beira-mar”, formando um todo coeso, embora cada sonetinho inteligível em si, estas nasceram das saudades mais fundas da memória. Não deviam misturar-se a sentimentos posteriores, para a seqüência não perder a unidade.

Nos sonetinhos da série, evoco os mais longínquos veraneios de que me lembro, quando os fazíamos na casa da Vovó. Por diversos motivos, quer ligados ao jeito do prédio, quer à sua dona, ficou sendo esse o ambiente mais entranhado no meu afeto.

Tais esclarecimentos eram úteis, creio, à plena compreensão de certas peças.

Um leitor austero incriminará de prosaicos certos lanços. Dirá que aparecem comestíveis em excesso para uma coletânea de versos, que os entes familiares surgem evocados com demasiada familiaridade; e outras rabugices.

Terá talvez razão. Mas não escrevi isto para gente solene. Escrevi para os que seja qual for a idade, são ainda capazes de amar deveras a infância, e retornar a ela em espírito por momentos.

Só eles poderão ter prazer nestes brevíssimos escorços, onde busquei concentrar o máximo de essência emotiva, de saudade, geralmente mais implícita aliás do que quem não tenha sido criança deveras, ou não se recorde bem disso, pouco ou nada achará a seu gosto neste livrinho.

..... / .....

Embora cada soneto possua sentido integral, será de grande vantagem para sua plena apreensão emocional lê-los pela ordem que lhes dei. Julgo essencial, no caso, um efeito global, de “atmosfera”. Não será tão sensível a ela quem ler descontinuamente. Salvo uns poucos, que representam alternativas, os poemas fixam momentos consecutivos, espelham um dia cheio, do pirralho travesso e maravilhado que bebia o mundo avidamente pelos sentidos, e já mesmo pelo sentimento.

..... / .....

Não é este o lugar de justificar a adoção, aqui sistemática, do soneto, forma tirânica, ainda mais assim em versos curtos! Mas tenho a convicção de que estes sonetinhos não parecerão forçados, a martirizar pela forma o seu conteúdo. Creio que, a despeito

da grande dificuldade técnica desse molde, não ficaram aí rimas destoantes, e outros sinais de angústia do autor em luta com a matéria-prima.

Flaubert diz invejar os poetas porque só as composições em verso lhe davam a sentir uma realização cabal: “La prose n’est jamais finie...” — reclamava o admirável prosador. Metro e rima, só isso lhe fazia sentir a obra literária bem acabada, “accomplie”.

Ora, dentro da poética, nada que dê tanto a impressão do completo, digamos do esférico, como o soneto. Dorchain em aguda análise estética mostrou os porquês. Mas penso que, mesmo sem conhecer esse magistral estudo, qualquer criatura de fino gosto, se ler também com o ouvido – como é de obrigação quanto a versos, sentirá assim, naturalmente, mesmo sem doutrinação prévia.

E basta de teoria literária para versos tão despreziosos.

Manoel Joaquim

### III

#### Quando, e como me tornei poeta

(19-10-52

A Hélio Teixeira)

Meu precioso amigo

V. deseja indicações quanto aos meus primórdios de poeta: quando e como de início se manifestou em mim o amor aos versos, e os primeiros tateios no versejar.

Não atribuo suficiente importância à minha poesia de madureza para reconhecer interesse nos seus balbucios de berço, — seja embora um interesse meramente psicológico. Mas já vi que v. assim deseja, v. a quem a não tenho o direito de recusar nenhum possível...

Não sei ao certo quantos anos teria, porém não tinha os 9, porque foi aos 9 que entrei para o colégio (já sabendo ler livros de historietas). Ponhamos 8 anos.

No casarão de Dindinha, quando lá estavam de hospedagem duas primas solteironas, às vezes de noite elas se reuniam a Vovó, Dindinha e Tia Bebela, no chamado escritório, para ouvir a tia, então muito moça, ler alguma coisa. Assim eram lidos romances, capítulo a capítulo, e também, menos vezes, teatro. Eu me ficava, amiúde, a escutar; mas pouco tempo. Não tinha paciência para acompanhar tudo, penso que por não compreender certas palavras fundamentais, — nem mesmo certas situações e sentimentos.

Numa noite, porém, quando cheguei ao escritório, achei a coisa diferente, mais bonita. Não entendi melhor, talvez, mas aquilo era cantante, encantava. Fiquei até o fim, apesar do sono. Quando acabou, me manifestei: “Gostei muito! Isto é que é!” A turma caiu na risada: “Olha o fedelho dando palpite! E logo em quê: na Ceia dos Cardeais!... O que é que v. entendeu, seu maroto?” (Era assim, tal qual, comigo, o vocabulário da tia Bebela). Eu entendera pouco, por certo; mas sentira muito. Ou, melhor talvez: pressentira. A música verbal já então me enredara a alma, minara-a delicadamente.

Tanto quanto me possa recordar, foi a minha iniciação.

Aos 9 de idade, na escola, dei para decorar, sem solicitação alguma, as poesias do livro de leitura, — embora fossem elas positivamente de meia cuia ... V. não ignora que há incríveis poetastros, ou pelo menos havia, houve por muitíssimos anos, que fabricavam livros assim, com ares de didáticos, só para albergar a versalhada que eles não tinham coragem (com plena razão) de editar a sós... Entremeavam as poesias com prosas moralizantes,

adrede compostas, — e tome lá a criançada. Apesar de ser o caso, e apesar de a mestra jamais me ter mandado decorar um só desses poemas insulsos, decorei quase todos, senão todos, — quer na 1ª quer na 2ª classe. E se não o fiz na 3ª, última cursada antes de iniciar os “preparatórios”, é que o livro de leitura adotado aí não continha nem uma só quadra...

Egresso da escola, nas férias, antes de encetar os estudos secundários, com 12 anos portanto, eu me dispus, um belo dia, a troçar um pouco dos tipos roceiros mais meus conhecidos, na praia onde sempre se veraneava – Grussaí, aqui no vizinho município de S.João da Barra. Compus umas trovas, quadrinhas de rimas simples, satirizando o pessoal. Por muito tempo conservei as 3 páginas de almanaque com a minha caprichada letra de aluno exemplar, tinta azul Sardinha em pena Mallat nº 12. Depois destruí, é claro. As quadrinhas eram de ruins a sofríveis, nenhuma que revelasse mesmo o embrião de algum Quevedo ou Gregório.

Só no verão seguinte, na mesma praia ultra-plácida, houve novo prurido na “veia”. Ideei escrever uma série de curtas poesias, sempre em quadras de redondilhas, sobre os mesmos tipos campestres; mas já agora a sério, com veracidade, e ao mesmo tempo simpatia pelas suas labutas e dores. Entretanto, ou porque as rimas me saíssem ensolaradas e saborosíssimas daquele rincão fossem excessivas para meus 13 anos, só fiquei no primeiro “cromo – chamemos-lhe assim – , “Antônio Lourenço”. Era isto, “ipsis verbis”;

Guisando o carro de bois  
às cinco da madrugada,  
lá vai o Antônio Lourenço  
caminhando pela estrada.

Vive sempre nessa luta  
é por muito desejar  
dar uma folga à família  
à força de trabalhar.

Coitado! Peleja tanto!  
Sua lida é tão insana!  
Chega a sorrir de contente  
quando à noite vai pra cama.

Como vê, mal salvava a boa intenção... Apesar da rima simples (só nos 2º e 4º versos), eu me contentara com uma consonância imperfeita na 3ª trova. Não era nada promissor; absolutamente não fazia prever este futuro inesgotável retocador de tudo. Mal o vate saiu das rimas ultra-fáceis em ada e ar, “deu logo o prego”.

Aliás, se nesses setissílabos não aparecem algum de pé-quebrado, foi mera questão de ouvido, pois esse ritmo é o mais popular, fácil de reproduzir sem ciência técnica. De métrica eu não sabia nicles.

Nesse ano de 1925, e nos primeiros meses do seguinte, andei perpetrando mais umas coisas, poucas, que destruí pouco após. Um pomposo “Crepúsculo amazônico”. Expansão sobre

certa moreninha que vira num baile, onde aliás não dancei coisa alguma, acanhadíssimo, metido nas minhas primeiras calças de “homem”. Esta quadrinha, que ainda me ficou na memória, foi o que houve sofrível nesse repertório bisonho:

É indefinível o amor:  
há tantos modos de amar!  
Quanto matiz, quanta cor  
de amor se pode encontrar!

Isso fora para um concurso sobre definição de amor, instituído por um jornalzinho de licesístas.

..... / .....

Devo acentuar que não tinha a menor noção de métrica. Minha mãe e a tia Bebela, que me ajudavam nas lições, nos raros casos em que eu precisava recorrer a alguém em casa para tal fim, ignoravam-na por completo. A meu pai, que era um caruturrão medonho nesse tempo, eu nem sonharia pedir ensinamentos nesse rumo. Tenho ouvido dizer que a poesia requeria contagem de sílabas, números fixo delas, eu as contava gramaticalmente.

E assim foi engenhado o meu supremo trabalho poemático nessa fase, uma ode à Amizade. Sim, já então à amizade, que pelo resto da vida, a despeito de cem decepções, algumas horríveis, seria o sentimento mais cultivado por mim. Eram, umas oitavas “camoneanas”, penosamente rimadas, ainda mais penosamente silabadas (não posso dizer metrificadas). Tinham alusões mitológicas, e outras complicações “eruditas”. Aí bosquejava eu os horrores das guerras, as destruições do ódio e das cobiças humanas; e quando a

catástrofe chegava ao auge, vinha uma invocação à Amizade, como solução para tudo aquilo e para tudo mais. A fim de dar plenitude épica à ode, comprei uma tinta vermelha, e a passei “a limpo” na cor do sangue, que ensopava realmente a maioria das estrofes...

Ufano do meu cometimento poético e regenerador, dirigi-me a uma pensão, onde morava o diretor ou redator principal do tal jornalzinho estudantil, então mantido pelos alunos do 4º. e 5º. anos do Liceu, — já rapazes, 2 ou 3 anos mais velhos do que eu. Lá deixei a minha obra-prima, ansioso por vê-la na vindoura edição.

Desapontado, não a vi nesse número. Também não saiu no seguinte.

Fui então interpelar o Duval, subindo a íngreme escada do velho casarão: “Perderam aí aqueles meus versos?” inquiri eu convicto. A resposta foi outra pergunta, que me pôs zozno: “Você é futurista?” Penso que gaguejei, e certamente empalideci ante a afronta: “Ora essa! Futurista como? Por quê?” — “Bem”, — explicou o Duval com sua adorável pachorra, metido em culotes sem perneira, e em manga de camisa — “Bem, eu pergunto assim porque esse trabalho não tem métrica; nem sombra!”. O sangue, que dez segundos antes me refluía todo ao coração, agora parecia estar todo nas orelhas. Ele percebeu meu horrendo embaraço, me deixou sozinho um pouco, foi ao quarto buscar a sangrenta maravilha do novo Camões. E camaradescamente: “Leve isso, veja se conserta essa metrificação; pode ser então que se aproveite”. Desci a interminável escada com as orelhas tinindo, danado da vida comigo mesmo, com minha ousadia, e com a minha burrice de presumir saber ver-sejar, quando na verdade não consultara ainda sobre o assunto quem quer que fosse apto a me orientar.

Ali mesmo na rua rasguei a salvação da humanidade. Em pedacinhos mínimos, para ninguém mais lobrigar sequer um pouco da minha raiva e da minha vergonha.

Dias depois, ou semanas, ou meses, não sei mais – porém ainda naquele ano de 1926 – encomendei do Rio, por não existir aqui à venda, a “Arte de fazer versos” de Osório Duque-Estrada, indicada por alguém que já não me ocorre. Li-a, estudei-a. Mas não a apliquei. Nessa idade, a gente progride mentalmente de mês para mês. Lendo antologias, — únicos livros meus então onde havia versos, — eu sentira a força de certos poetas, a minha debilidade ante eles. A distância era enorme, nem com muitos anos eu me deveria animar à esperança de me abeirar desses luminares. E a ser um poetinha qualquer, já então me parecia bem preferível calar, ser apenas leitor. E ... hélas! Não seria então mais sensato que me tornei depois? Não devia ter ficado naquela salutar modéstia?

..... / .....

Acresce que fui sempre um estudante afincadíssimo. Em parte pelo desejo de contentar a meus pais, ambos com tradição de ótimos alunos no mesmo Liceu de Campos. Ainda encontrava ali professores ou examinadores que o haviam sido deles, 20 ou 25 anos antes; e esses logo me iam dizendo: “Será você como o Godofredo?” ou “Teremos de novo exames como os da Hélvia?”

Por outro lado, havia deveras em mim, natural, a patentear-se na minha fome de leituras desde muito garoto, um amor excepcional ao saber. Pouquíssimas foram as disciplinas do curso secundário que não estudei com prazer, — apesar de mestres por vezes medíocres e dos métodos cacetíssimos de então, — que nem métodos eram.

Justamente as línguas eram o que me agradava menos, mormente nos primeiros meses. Achava tedioso e irritante ter de perder tanto tempo com o que era apenas um meio para alcançar

novos conhecimentos: que estupidez tamanhas diferenças nos modos de dizer as mesmas coisas!

Mas o resto... no resto eu me embrenhava resoluto e feliz. Creio não exagerar se lhe disser que num ano cheguei a saber mais Geografia do que a minha professora, — que aliás não era muito forte no ramo, bem entendido. Note-se que tinha então memória magnífica. Era-me um prazer decorar enfiadas de nomes rebarbativos, catava-os nos mapas e compêndios, pelo mero gosto de virtuosidade, de uma demonstração de desportismo intelectual. Apaixonei-me pela matemática, especialmente a geometria. No ano seguinte, pela História Natural; andava catando flores e bichinhos para os analisar e classificar.

No último ano de preparatórios tive de fazer o curso de instrução militar, que, embora relativamente suave, absorvia seu bocado de tempo. Apesar dele, e de já então, nesse ano, eu ter em começo uns sintomas mórbidos, logrei rematar meu curso secundário, mais uma vez, como se dera nos exames anteriores, com as melhores notas alcançadas, entre todos os candidatos. Por essa altura de minha vida, tal era meu alheamento à literatura, e tão integrado estava em projetos de estudos jurídicos e análogas “coisas sérias”, que não daria crédito se alguém lançasse a hipótese de eu vir a ser poeta, — pelo menos poeta publicado, de certa projeção na cidade, e até membro correspondente, nessa qualidade mesmo, da principal associação literária do Estado: a Academia Fluminense de Letras (para qual fui eleito, com membro-correspondente, faz dez ou onze anos).

Por esse tempo os meus planos giravam só em torno de leituras mais ou menos austeras. Gostando muito de música e de paisagens, jamais todavia me passou então pela mente, nem sequer de modo fugidio, a idéia de que a melhor coisa, ou a menos má,

que eu escreveria em adulto, seriam versos.

Verdade é que houve a doença, que me foi entibiando, quebrantando pouco a pouco, destroçando meus anelos e possibilidades de vida normal. Até que só me restou mesmo a literatura. Esta só constituiu na minha vida um sucedâneo, uma compensação, um derivativo, um contra-peso à vida de ação, impossível. Vida de ação no campo da cultura, bem entendido, — do Direito ou do quer que fosse assim com ares científicos. Não eram portanto artes que tinham minhas preferências aos 15 anos, mesmo até os 17 ou 18: eram as ciências.

Não pretendo, com isto, dizer que carecesse de sensibilidade e imaginação; sobretudo sensibilidade tinha extrema, e imaginação alguma. Mas em absoluto pretendia fazer delas a fonte primacial de minha atividade. Não tinham o primeiro plano.

..... / .....

Para compor minha primeira poesia propriamente dita, conscientemente metrificada, foi preciso, além dos sofrimentos físicos, que a essa altura já não eram ligeiros, me estorvavam bastante, foi preciso a adição de mais dois fatores: a solidão e ... uma coletânea de Bilac. A soledade numa casa imensa, a de meu avô na Tijuca, onde eu morava durante o 1º ano jurídico, casa de três pavimentos, nos quais só residiam quatro pessoas, numa rua em rampa, das mais quietas da zona. E , com isso, o tomo das “Poesias” de Bilac, exemplar de solteira de uma tia já então casada, esquecido lá, na estante rotatória onde eu metera meus códigos e “prudentes”.

Houve uma semana medonhamente chuvosa e fria, em junho (1929). Naquele palácio quase tenebroso, as saudades da

minha gente e da nossa chácara, apertaram. Dei para ler o poeta por modo agudo. Houve um dia de crise psicológica, e ... foi um desastre.

Tenho até hoje, na caligrafia mesma de então essa “elegia”, em alexandrinos, a propósito de árvores do pomar da madrinha, vizinho ao nosso em Campos, e onde eu passara muitas das melhores horas da infância, mesmo da adolescência. Não publiquei essas quadras, que só valem pelo sentimento que as ditou. Metricamente corretas, não encerram todavia, na expressão, mais do que umas canhestras banalidades.

Depois disso, nesse mesmo ano, escrevi mais umas coisas, mas bem poucas. Continuava a levar muito a sério meus deveres estudantis. Nos exames desse 1º ano de Direito, fui dos 6 examinados a alcançar a “distinção” nas três cadeiras, num total de uns 260 moços. E dois colegas curiosos, que acompanharam os exames ao de rente, e disseram que nenhum desses outros 5 merecera tanto essas notas quanto eu. Impossível tal resultado sem muita porfia, é evidente.

Em 1930 ainda versejei pouco. Confesso que me custou afazer-me à métrica do alexandrino. E as rimas eram revessas, fugiam-me. As palavras se rebelavam à cadência. Só ao fim de dois anos, ou pouco menos, verdade é que dois anos de esforços, mui descontínuos, só então comecei a versificar com facilidade. (Seriam uns dois meses talvez se o labor tivesse sido contínuo.)

Felizmente eu era tímido, nada propenso à publicidade, desconfiado como quê do que fazia. A primeira vez que dei à lume um poema foi em revista de colegas, do meio nosso; e isso mesmo porque o soneto, lido antes por camaradas, foi elogiado o bastante para me animar. Nesse ano, 1939, só divulguei mais duas poesias, ambas na mesma revista. No ano seguinte, meia dúzia, em jornal

campista. E só em 1935 me atreveria a estampar versos de “amor”, — embora, é claro, escritos desde muito antes.

A isso se deve a sua observação, perante cópias dessas minhas primícias na sua forma de então, quanto a não haver erros métricos nem tolices nesses ensaios, — o que todavia ocorre, diz você, nos primeiros tentames até de poetas destacados. Mas é que a minha primeira publicação só ocorreu dez meses após a primeira redação em verso. Como já lhe tenho dito, as datas sotopostas às minhas poesias, mantidas através de todas as alterações nas suas sucessivas formas, são datas das linhas mestras apenas. São muitas as peças que eu não poderia deixar passar como de inspiração recente, mesmo quando sua forma me satisfaz ainda hoje, ou representa reforma nos últimos anos.

Dos poemas iniciais, os que não refundi depois decididamente é que não tinham por onde. Conservo-os nos manuscritos de então (1927-30) por mera curiosidade. Quando na forma primeira algo havia aproveitável, sempre os aproveitei, embora com modificações profundas. Assim sucedeu aos sonetos “Como um relicário” e “A cor da esperança” – nomes atuais – ambos de 1929 nos seus germes, ou melhor, nas suas larvas, que depois tentei metamorfosear em borboletas.

A fidelidade, a constância a mim mesmo e portanto a tudo que tenho amado, é a nota primacial do meu ser.

Tenho conhecido pouquíssimas criaturas tão coesas, com tamanha continuidade. Pragmaticamente é um mal; isso embarça as adaptações a este mutabilíssimo planeta, a esta humanidade cada vez mais mutável. Entretanto, se sobrevive, como parece certo, a essência de nossos seres, essa fidelidade, essa consistência, deve ser um mérito, no “au-delà”.

A psicologia profunda, sobretudo por processos de hipnose, demonstra que nossa memória é muitíssimo mais lata do

que supomos. No inconsciente fica tudo quanto já nos sucedeu de alguma importância. E essa descoberta é um dos melhores argumentos em favor da nossa imortalidade. Pois, se quase tudo isso que fica indelével no inconsciente para nada serve na vida terrena, — já que só conseguimos chamar ao consciente parcela mínima desse enorme depósito, — isso há de servir para outro plano de vida. É inverossímil termos dom tão precioso se fosse inutilidade radical e definitiva.

Seja com for, bem ou mal, meu feitio é a coesão, a persistência dos gostos e afetos. Evocando episódios e atitudes na minha infância, inclusive coisas dos 3 e 4 anos, me sinto bem identificado ainda com aquele guri tão remoto. À parte as distorções da moléstia, aliás poderosas, eu já estava nele, e ele está ainda em mim, — no eu destes 40 anos.

Meu retoquismo como artista é um sinal ainda disso, embora possa parecer o contrário. Concilio, assim, o amor ao progresso com o apego à estabilidade. Em vez de jogar fora certo poema, e fazer outro inteiramente diverso, a meu gosto atual, retomo o antigo, e, conservando o esqueleto, refaço-lhe as carnes. Fica sendo, e não sendo, o mesmo.

..... / .....

As diretrizes essenciais de minha poesia já poderiam ser entrevistas nos informes tentames de adolescente. Senão vejamos: essa “Meninice à beira-mar”, que é das minhas produções menos antigas. E aliás antes disso já havia outras peças sobre cenas daquele local: “Luar oceânico”, “Noite praieira”, “Noite bucólica”, etc...

Nunca mais tentei um “Crepúsculo amazônico”, porque meu amor à lealdade me deteve a pena quase sempre que pensei em fixar aspectos pessoalmente desconhecidos; e todavia o gosto do

descritivo foi intenso aos meus 19 anos, naquele 1931 que marcou a expansão do meu estro e me convenceu de possuir certa vocação autêntica. Assim, os sonetos “Meio-dia sertanejo”, “Entre gigantes”, “Fazendeirinha ao anoitecer” (este posterior), e outros e outros.

A apologia da concórdia universal se espalhou em muitas composições, penso que todas bem mais aceitáveis do que a malograda ode “futurista”. E isso desde o soneto Amizade, de 1930 (ou 29, não estou certo), até coisas mais fortes e de tom mesmo épico, tais como o “Vaticínio de visionário”, a “Grande reforma”, “O que diz o Sigma”, etc.

Naquele ano de 1929, onde repontou o estro sob moldes já quase decentes, já eu fizera uma primeira adaptação do francês – “A folha”, de Arnault. Ora, ela encetava o que viria a ser um rosário, todo um quadrante capital da minha “musa”.

Entre os manuscritos daqueles tartamudeios, havia um, que destruí faz pouco tempo, pela colossal desproporção entre o sentimento possante, até grandioso, e o pífio da sua tradução verbal; estava ridículo o poema. O sentimento era de solidariedade cósmica, um como panteísmo, um frêmito de unidade com tudo, — que depois tentei expressar, com menos inézia, em peças no geral ainda inéditas, mas já muito antigas, quais “Delírio”, “Ao vento”, e outras mais.

Não vale a pena falar no veio poesia “amorosa”, que cultivei por muitos anos em doses espaçadas, mas concentradas, evitando o vulgar nesse gênero, que, por cultivadíssimo, é onde mais se corre o risco de entediar, repisando melodias já mil vezes tingidas.

E se você me perguntar: “Que seqüência teve aquela tal elegia sobre as árvores do pomar da Madrinha?” Eu lhe direi: Esse veio ainda quase não teve continuação, mas não por falta de desejo

de o explorar, e sim porque, num ambiente quase totalmente sem estímulo, tem sido enorme o número de concepções minhas de realização apenas mental. Sobretudo após os meus 25 anos, para cada concretização poética em verso houve nem sei quantas indagações que não saíram do crânio.

Assim como compus dezenas de sonetinhos, ressuscitando a Grussaí de até os meus 10 ou 12 anos, projetei outra coletânea sobre a chácara e o casarão de Dindinha; mas não tive forças nem para principiar. Mesmo porque, tendo matéria para 4 ou 5 tomos espessos de versos, e nenhum deles impresso, com estes meus 40 anos, é bobagem rabiscar mais poemas para embolar na gaveta.

Em suma: quando, em junho de 1930, se completou um ano que eu versejava, na vintena de produções feitas nesse período estavam já indicações de todas, ou quase todas, as notas que eu viria a ferir com predileção no desdobramento posterior. Isso, caso se some às dessa fase os informes esboços dos 13 e 14 anos.

..... / .....

É que minhas afeições são definitivas. Quando uma se interrompe, é porque o seu objeto, humano em tal caso, demonstrou não a merecer, — e isso por modo radical e grave. Fora daí, o de que gostei algum dia, gosto sempre.

O geral dos humanos são almas de areia, onde o que a vida escreve, em breve apaga com um sopro. Em mim, não; o que ela escreve, inscreve; grava em bronze. Vejo as criaturas por aí largando pedaços pelo caminho. Afetivamente não se aumentam, porque quando crescem pra um lado diminuem do outro; o que ganham de cá perdem de lá ... Isso é tão estranho à minha índole, que sou incapaz de verdadeira amizade com entes desse teor.

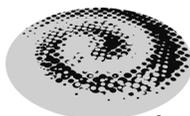
Permita entrar com uma nota meio gaiata: se eu fosse casado, a cara metade, a menos de me causar desapontamento grave, não teria porque temer que algum dia eu deixasse de amá-la. Poderia temer, isso sim, que eu viesse a amar a mais algumas.

Sim, meus afetos não são de papelão, como tanto se vê por aí, — são de cimento armado. Meu coração – vá o termo, já consagrado, embora impróprio – é prédio onde se pode morar tranqüilo. E é arranha-céu, cabe muita gente e muitíssimas coisas.

Sempre me chocaram muito essas criaturas abafadas, apertadíssimas, que para gostarem deveras de Cruz e Souza precisam desancar Bilac, ou vice-versa. Esses corações onde, para entrar um, é preciso expulsar outro, são verdadeiros cubículos. Que falta de luz e ar ali dentro!

Nisso, como no mais, meu medular conservantismo não exclui o progresso. Ao contrário, porque o verdadeiro progresso se faz, em geral, mais por adição do que por substituição. Adição parcial, substituição parcial; mas substituição apenas do que de fato, seguramente, se tornou inútil. Ao passo que a convicção moderna é de que o melhor são as reformas de cabo a rabo.

Em arte, como em afetos, e acho que tudo ou quase tudo, penso que o genuíno enriquecimento se faz por incorporação do novo, e sua fusão, ao melhor do antigo, não é jogando este fora para pôr aquele no lugar. Assim não se cresce.



# Essentia

EDITORIA

Rua Dr. Siqueira, 273 - Bloco A - Sala 28 - Parque Dom Bosco  
Campos dos Goytacazes/RJ - CEP: 28030-130  
Tel.: (22) 2726-2882 / Fax: (22) 2733-3079  
E-mail: [essentia@cefetcampos.br](mailto:essentia@cefetcampos.br)  
<http://www.cefetcampos.br/essentiaeditora>

---

Flama Ramos acabamentos  
e manuseio gráfico Ltda.  
Rua Rua João Romariz, 285/  
parte - Ramos - Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 21031-700  
Tel.: (21) 3977 2650 / 3977 2666  
Fax: 3867 5220  
[comercial@imprintaexpress.com.br](mailto:comercial@imprintaexpress.com.br)

---

Tipografia: Optima e Zapfino  
Capa: papel cartão supremo 350 g/m<sup>2</sup>  
Miolo: papel offset 90 g/m<sup>2</sup>